



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS PEDREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS

EDIANA DA SILVA MORAIS

**A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO NA LITERATURA E SUA
INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE: uma análise da obra “mulheres que correm com os
lobos” de Clarissa Pinkola Estés**

Pedreiras- MA

2024

EDIANA DA SILVA MORAIS

**A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO NA LITERATURA E SUA
INFLUENCIA NA SOCIEDADE: uma análise da obra “mulheres que correm com os
lobos” de Clarissa Pinkola Estés**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Pedreiras, para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientador(a): Prof.(a). Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite

Pedreiras- MA

2024

Morais, Ediana da Silva.

A representação do arquétipo feminino na literatura e sua influência na sociedade: uma análise da obra “Mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés / Ediana Da Silva Moraes. – Pedreiras, MA, 2024.

69 f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientadora: Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite

1. Arquétipo feminino. 2. Literatura. 3. Mulher. I.Título.

CDU: 821.134.3(81)

EDIANA DA SILVA MORAIS

A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO NA LITERATURA E SUA INFLUENCIA NA SOCIEDADE: uma análise da obra “mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés

Trabalho apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Pedreiras, para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 14 / 08 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA
Data: 12/10/2024 07:06:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.(a). Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente
 RONDINEY DE SOUZA ALVES
Data: 10/10/2024 17:07:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Rondiney de Souza Alves
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente
 EDMA RIBEIRO LUZ
Data: 09/10/2024 07:39:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Dedico esta monografia a minha mãe, que como uma mulher selvagem lutou e sempre me incentivou a prosseguir. Às minhas amigas, que compartilham comigo suas histórias incríveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar em mais uma trajetória de luta, pela força e sabedoria que me concedeu ao longo desta jornada acadêmica. Sem a Sua graça e misericórdia, eu não teria conseguido superar os desafios e alcançar este importante marco na minha vida. A Ele, dedico todas as minhas conquistas e o sucesso desta monografia. Obrigada Deus por ser meu porto seguro!

Manifesto minha eterna gratidão à minha orientadora, professora Ruth Jonielle, sua orientação, paciência, e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho, pois motivaram-me a não desistir. Você como mulher, mãe, amiga e excelente profissional me inspira a acreditar que a mulher pode ser muito mais, e ir além do que os olhos podem ver. Obrigada por acreditar no meu potencial e por me guiar com tanta dedicação.

Agradeço também aos professores Regilane Barbosa, Mariana, Luysienne, Francinaldo, Deymica e Edma que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica. Cada um de vocês, com suas particularidades, contribuiu significativamente para minha formação, oferecendo não apenas conhecimento, mas também inspiração e motivação para seguir adiante. Estendo meus agradecimentos a UEMA, pela oportunidade de alcançar uma formação de excelência.

Ao meu esposo, por seu amor, compreensão e suporte incondicional em todos os momentos. Você é meu parceiro em todas as conquistas e desafios, e sou imensamente grata por tê-lo ao meu lado.

À minha mãe e ao meu pai, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a seguir meus sonhos. A vocês, minha eterna gratidão por serem meu alicerce.

Por fim, agradeço aos meus colegas de faculdade, que compartilharam comigo essa jornada, oferecendo companheirismo, ajuda e muitas trocas de conhecimento. Juntos, enfrentamos muitas dificuldades, mas também comemoramos muitas vitórias. Sou grata por cada um de vocês e pelos laços que construímos ao longo desses anos. Também aos meus amigos e irmãos em Cristo, que sempre me ouviram. Suas palavras de incentivo, gestos de apoio e presença foram essenciais durante essa trajetória.

A todos, meu muito obrigado.

Apesar de os contos de fadas acabarem ao final de dez páginas, nossas vidas não acabam junto. Nós somos coleções de muitos volumes.

Clarissa Pinkola

RESUMO

O presente estudo tem como temática a representação do arquétipo feminino na literatura e sua influência na sociedade, a partir de uma análise da obra “Mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés. Atualmente, os arquétipos e estereótipos exercem influências significativas na formação social e cultural, configurando a forma como as pessoas enxergam e interagem com o mundo a sua volta. A escolha desta obra se deve à sua abordagem única e profunda sobre a psique feminina, sendo relevante para o estudo dos arquétipos femininos. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a representação dos arquétipos femininos em quatro contos da obra “Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem” de Clarissa Pinkola Estés, no contexto da desconstrução dos estereótipos de gênero e na promoção de uma compreensão mais ampla da identidade feminina na contemporaneidade. Para isso, foram selecionados os contos Barba Azul; O Patinho Feio; Os Sapatinhos Vermelhos e A Donzela Sem Mãos. Adotou-se uma metodologia qualitativa fundamentada em pesquisa bibliográfica, que consistiu na revisão e análise da literatura disponível sobre o tema. Os resultados desse estudo possibilitaram observar que Estés, sob a perspectiva da psicologia junguiana, faz uso de mitos, contos de fadas e história ancestrais para identificar e resgatar aspectos relevantes da psique feminina, da natureza selvagem das mulheres e incentivando-as a aprofundarem em seu íntimo, no autoconhecimento, fortalecendo autoestima e contribuindo para a construção de uma identidade feminina mais plena e livre das limitações impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Arquétipo feminino; Literatura; Mulher.

ABSTRACT

This study focuses on the representation of the female archetype in literature and its influence on society, based on an analysis of the work “Women Who Run with the Wolves” by Clarissa Pinkola Estés. Currently, archetypes and stereotypes exert significant influences on social and cultural formation, configuring the way people see and interact with the world around them. This work was chosen due to its unique and profound approach to the female psyche, being relevant to the study of female archetypes. Thus, the general objective of this work is to analyze the representation of female archetypes in four short stories from the work “Women Who Run with the Wolves: Myths and Stories of the Wild Woman Archetype” by Clarissa Pinkola Estés, in the context of deconstructing gender stereotypes and promoting a broader understanding of female identity in contemporary times. For this purpose, the short stories Bluebeard; The Ugly Duckling; The Red Shoes and The Maiden Without Hands were selected. A qualitative methodology based on bibliographic research was adopted, which consisted of reviewing and analyzing the available literature on the subject. The results of this study made it possible to observe that Estés, from the perspective of Jungian psychology, uses myths, fairy tales and ancestral history to identify and rescue relevant aspects of the female psyche, the wild nature of women and encourages them to delve deeper into their inner selves, into self-knowledge, strengthening self-esteem and contributing to the construction of a fuller female identity, free from the limitations imposed by society.

Keywords: Feminine archetype; Literature; Woman.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Arquétipos femininos na literatura	22
Tabela 2 - Contos e mitos da obra “mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PANORAMA DA LITERATURA OCIDENTAL	15
2.1 Arquétipo feminino na literatura	20
2.2 Evolução histórica do arquétipo feminino	23
3 CLARISSA PINKOLA ESTÉS E O LIVRO “MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS”	26
4 METODOLOGIA	31
4.1 Tipo de pesquisa	31
5 A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO NA LITERATURA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE: uma análise da obra “Mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés	33
5.1 A Perspectiva psicanalítica e mitológica na obra “Mulheres que correm com os lobos”	36
5.2 Contextualização dos contos selecionados e identificação de arquétipos femininos ..	41
5.2.1 Barba Azul	41
5.2.2 O Patinho Feio	45
5.2.3 Os sapatinhos vermelhos	48
5.2.4 A donzela sem mãos	51
5.3 A influência dos arquétipos nas representações sociais das mulheres nos contos selecionados	55
5.4 A representação do arquétipo feminino na obra e a desconstrução de estereótipos ..	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, os arquétipos e estereótipos desempenham papéis importantes na construção social e cultural, moldando a maneira como as pessoas percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Essas representações simbólicas, muitas vezes internalizadas de forma inconsciente, estabelecem padrões que influenciam as interações sociais e conseqüentemente perpetuam desafios complexos na sociedade atual.

De acordo com a psicologia junguiana os arquétipos são imagens, símbolos ou padrões universais de comportamento presente no inconsciente coletivo, que expressam aspectos essenciais da psique humana, enquanto os estereótipos são rótulos, representações simplificadas e preconceituosas sobre grupos ou indivíduos, baseadas em características superficiais ou culturais. Ambos os conceitos têm implicações e desafios na sociedade, especialmente no que diz respeito à diversidade, a identidade e a representação.

Trazendo para o âmbito da literatura, os arquétipos e os estereótipos podem ser usados como recursos narrativos para criar personagens, cenários e situações que se conectam com o público, mas também podem ser questionados, subvertidos ou desconstruídos, para gerar reflexão, crítica ou inovação. Em virtude disso entende-se que, um dos campos mais relevantes e atuais para se estudar essa relação é o da construção da identidade feminina, que envolve questões de empoderamento, resistência e transformação dos estereótipos de gênero, que são influenciados pela cultura, pela história e pela sociedade.

Nesta perspectiva, a obra *“Mulheres que Correm com os Lobos”*, de Clarissa Pinkola Estés, será utilizada como base para uma análise detalhada de contos que apresentam arquétipos como a Mulher Selvagem, a Mãe, a Sábia, a Donzela, a Artista, a Sombra, a Guerreira, entre outros, será analisado como esses padrões desafiam e subvertem estereótipos limitantes. Ao realizar uma abordagem intrapsíquica dos contos, Estés revela a natureza instintiva e selvagem da mulher, propondo assim, uma reconexão com aspectos reprimidos da identidade feminina. Diante disso, é importante considerar como o público recebe e reinterpreta a obra, visto que a influência da obra sobre o leitor se dá a partir da significação atribuída a ela. Portanto, acredita-se que ao reinterpretar contos, mitos e lendas sob uma nova perspectiva, é possível não só alcançar uma melhor compreensão da identidade feminina, mas também revelar como narrativas culturais e sociais perpetuam padrões rígidos, moldando a compreensão coletiva dos papéis de gênero e reprimindo a natureza instintiva da mulher ao longo da história.

Embora nos dias atuais, muito se fale sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres, e sobre como é fundamental que as mulheres sejam representadas de forma justa e

respeitosa, a discussão torna-se ainda mais complexa ao considerar a resistência à desconstrução de estereótipos de gênero, enraizados em estruturas sociais e culturais. Essa resistência se manifesta de diversas formas, desde a perpetuação de papéis de gênero tradicionais até a marginalização das vozes femininas em espaços de poder.

Portanto, a problemática proposta para esta pesquisa não apenas aborda questões intrinsecamente ligadas à literatura e à construção simbólica da feminilidade, mas também questões controversas relacionadas à representação feminina, estimulando reflexões críticas sobre como a representação do arquétipo feminino presente nos contos e mitos da obra “Mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés podem desafiar normas sociais e ideias preconcebidas sobre o que significa ser mulher em uma cultura patriarcal, promovendo o autoconhecimento da natureza selvagem, bem como a construção da identidade feminina.

O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar a representação dos arquétipos femininos em quatro contos da obra “*Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*” de Clarissa Pinkola Estés, no contexto da desconstrução dos estereótipos de gênero e na promoção de uma compreensão mais ampla da identidade feminina na contemporaneidade.

Para atingir esse objetivo, serão delineados objetivos específicos que visam identificar os arquétipos presentes nas histórias, analisar como esses arquétipos desafiam os estereótipos de gênero tradicionalmente associados às mulheres, compreender como as narrativas literárias podem influenciar a percepção social e cultural das mulheres, oferecendo alternativas às normas estabelecidas e promovendo uma representação mais inclusiva e autêntica do feminino.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que, no transcorrer da história, as mulheres foram subjugadas por paradigmas impostos pela sociedade, causando consequências psicológicas, emocionais e estruturais advindas de uma cultura patriarcal e machista, embora na contemporaneidade tenham alcançado uma certa autonomia e liberdade de expressão, ainda enfrentam inúmeros desafios. Diante desse cenário, o alicerce inicial deste trabalho baseia-se na necessidade de explorar as narrativas literárias como instrumento de resistência e conhecimento da natureza instintiva das mulheres. Esse enfoque se justifica especialmente no que tange à construção da identidade feminina e à desconstrução de estereótipos de gênero na sociedade contemporânea, tendo em vista que, esta abordagem é crucial para promover a compreensão dos desafios e potenciais das mulheres no século XXI, o que pode também inspirar políticas e práticas que promovam a autonomia e futuras ações que fortaleçam a voz e a representação das mulheres em todas as esferas da sociedade.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, adotou-se uma metodologia qualitativa fundamentada em pesquisa bibliográfica, que consistiu na revisão e análise da literatura disponível sobre o tema, foram utilizadas fontes diversas, incluindo livros, artigos acadêmicos, teses, dissertações, sites e materiais de cunho teórico relacionados à literatura feminina, estudos de gênero, psicologia e sociologia, a seleção dessas fontes ocorreram com base na relevância e pertinência para o tema em questão. Buscou-se embasar teoricamente a pesquisa consultando autores como: Estés (2018); Coelho (2003); Candido (2006); Lerner (2019); Bettelheim (2002); Mendes (2000); Rebonato (2014); Zolin (2009); Wolf (2018) entre outros. Foram consideradas as diferentes perspectivas teóricas presentes na literatura acadêmica, visando uma compreensão abrangente e aprofundada do tema.

Para uma melhor compreensão este trabalho estrutura-se em seis capítulos, a começar com a introdução e um panorama da literatura ocidental que trará um pouco do contexto histórico da construção literária que conhecemos nos dias atuais. Em seguida será comentado sobre o arquétipo feminino na literatura, bem como sua evolução histórica. No capítulo seguinte será abordada a relação da autora Clarissa Pinkola Estés com a obra “Mulheres que Correm com os Lobos” sua biografia e contribuição para mudanças sociais, seguido da metodologia, bem como o tipo de pesquisa. No capítulo cinco será apresentada a temática da representação e influência do arquétipo feminino na literatura, bem como a perspectiva psicanalítica e mitológica da obra, então será feita a contextualização, seguida da análise dos contos selecionados, onde serão identificados os arquétipos femininos, a influência nas representações sociais das mulheres, sua representação na obra e na desconstrução dos estereótipos de gênero. No último capítulo será feita as considerações finais apresentando os resultados e as contribuições da pesquisa.

2 PANORAMA DA LITERATURA OCIDENTAL

Como uma das formas mais antigas e fundamentais de expressão humana, a literatura tem evoluído desde as narrativas transmitidas oralmente até a escrita, adaptando-se aos contextos históricos, culturais e tecnológicos ao longo dos séculos. Esta evolução ainda se estende das epopeias homéricas da Grécia Antiga até a literatura contemporânea, passando pela poesia lírica medieval, pelo romance renascentista e pelo modernismo do século XX, neste percurso a literatura tem contribuído para a expressão artística e para a compreensão da condição humana, desempenhando um papel relevante na formação da identidade cultural e na promoção do diálogo entre as sociedades.

Os estudos mostram que a literatura ocidental apresenta uma variedade de períodos e estilos que representam as transformações concernentes à sociedade e a cultura ao longo dos anos, uma vez que, a produção literária de cada época foi sendo agrupada em categorias distintas considerando o estilo de escrita, as temáticas abordadas e o contexto sócio-histórico. De acordo com Zilberman (2012) as primeiras abordagens classificatórias a respeito da natureza da literatura pertencem ao século IV a.C., por meio do trabalho de dois filósofos, os gregos Platão e Aristóteles, que passaram a trazer para as suas discussões a poesia. Posteriormente, acadêmicos e críticos foram ampliando os estudos e a classificação dos períodos literários, até chegar ao que conhecemos atualmente como período clássico, medieval, renascentista, barroco até chegar às tendências contemporâneas.

Yee (2019) marca estes eventos literários da seguinte forma: a literatura grega antiga (Antiguidade Clássica) iniciada aproximadamente por volta do século VIII a.C.; literatura greco-latina (século II a. C. ao século V a.C.), seguem os modelos da literatura grega; literatura romana-cristã (século V ao XV), teve início com a conquista de Roma e terminou com a queda de Constantinopla; Renascimento e Humanismo (século XIV ao XVI), transição da Idade Média para Idade Moderna; Estética Barroca (século XVII ao XVIII), tensão política, religiosa e econômica; Neoclassicismo ou Arcadismo (século XVII), pensamento ideológico e iluminista na Literatura; Estética Romântica e Naturalismo (metade do século XIX a meados do século XX), valoriza as emoções, a rebeldia, as experiências individuais e a melancolia, considerada como “mal do século”.

Zilberman (2012) destaca que os primeiros trabalhos literários do Ocidente, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídos a Homero e disseminados oralmente na Grécia desde o século VIII a.C., eram recitados em eventos festivos por artistas profissionais chamados *rapsodos* ou *aedos*. A autora também ressalta que a poesia, representada pelos mitos, é uma tradição tão

antiga quanto a humanidade, sendo preservada ao longo do tempo por meio de métodos de transmissão oral e escrita.

A pesquisadora comenta que, nos tempos antigos a transmissão oral era feita por indivíduos treinados para memorizar histórias tradicionais, que continham o conhecimento coletivo desde os primórdios da sociedade até as principais normas sociais. No entanto, a transmissão por escrito dependeu da invenção do alfabeto, com os sumérios desenvolvendo os primeiros alfabetos por volta do quarto milênio a.C., culminando na transição da oralidade para métodos mais duradouros de preservação da tradição literária, essa mudança resultou na formação de um patrimônio literário considerado o "berço da literatura", conforme observado por Zilberman (2012, p. 44).

A partir do século VIII a.C., surgiu a literatura grega que foi considerada o fundamento da literatura ocidental, cuja a base cultural englobava a filosofia, o estudo da história, os sistemas políticos e jurídicos, os avanços científicos, a educação, a literatura, as artes visuais e arquitetura como expressões estéticas, além dos esportes, entre outras disciplinas. Yee (2019) faz a divisão dessa literatura em três períodos principais: a fase arcaica (até o término do século VI a.C.), a era clássica (nos séculos V e IV a.C.) e a fase helenística (a partir do século III a.C.). Neste período, a teoria dos gêneros proposta por Aristóteles, que inclui os gêneros épico, dramático e lírico, foi fundamental para influenciar as concepções contemporâneas sobre literatura. Nesses novos cenários, a literatura passa a ser percebida como uma coleção variada de textos inventivos, demandando do leitor habilidades de compreensão e interpretação que não se limitam a princípios preestabelecidos.

Segundo Yee (2019, p. 3), a noção tradicional de literatura, baseada nos gêneros poéticos, dramático, épico e lírico, de Platão e Aristóteles, “passou a ser questionada com o aparecimento de novas formas de representação literária que surgiram na Idade Média e nos séculos seguintes”. No período denominado de Baixa Idade Média, houve um renascimento artístico e a literatura greco-latina foi aos poucos sendo substituída pela romano-cristã, representada por canções de gesta (romances de cavalaria) e a lírica trovadoresca (cantigas de amigos, de amor e de escárnio), refletindo mudanças sociais significativas.

Um dos marcos das grandes mudanças ocorridas nesse período foi a Reforma protestante e o movimento da Contrarreforma. Carpeaux (2008) afirma que, “a Reforma não podia deixar de exercer poderosíssima influência em todas as literaturas”, pois “a arma literária” usada neste movimento era a tradução da Bíblia, que logo se difundiu por toda a Europa.

Como nenhum outro livro, antes ou depois, a Bíblia divulgou-se nos países dos novos credos, tornou-se leitura diária de todas as classes, da aristocracia e dos eruditos até aos artífices e camponeses, conferindo nova dignidade, quase dignidade sacral, à língua na qual o Verbo divino foi lido, e unindo a nação inteira em torno dessa língua, que era ao mesmo tempo a do culto, comum a todos; a Bíblia alemã, inglesa, holandesa, consolidou nações já conscientes; a nação dinamarquesa e a sueca foram criadas pelas Bíblias dos seus reformadores (Carpeaux, 2008 p. 508-509).

Durante o período medieval, a literatura era fortemente associada à fé e aos valores morais, com predominância de textos religiosos e alegóricos. Já no Renascimento devido a influência do Humanismo, houve um destaque na valorização do ser humano, na aplicação do raciocínio lógico e na utilização do conhecimento científico, mas, devido ao marco da Reforma Protestante, os conflitos da alma humana e a tensão na esfera social e cultural, surgiu uma nova estética literária o “Barroco” que se baseava no dualismo do espírito com a matéria.

Logo após este período, emerge o Neoclassicismo, também conhecido como Arcadismo no contexto da Literatura Ocidental, que pode ser entendido como um período estético e ideológico com surgimento no século XVIII, e que fortemente abarcou os ideais iluministas. E assim como os demais movimentos literários, nasceu em oposição ao período anterior, no caso, contrário aos excessos do Barroco, procurando trazer de volta os valores da antiguidade clássica greco-romana, como a simplicidade, a razão e a ordem. E dessa forma a produção literária buscava apresentar clareza e equilíbrio contrapondo-se à emotividade barroca. Yee (2019, p.126) afirma que:

O Arcadismo adotou os princípios do Neoclassicismo, reabilitando os clássicos greco-romanos, os preceitos aristotélicos e horacianos, desenvolvendo suas ideias no tempo da Enciclopédia, na época de Voltaire e de Rousseau. Os poetas árcades, inspirados, principalmente, nas obras do poeta latino Virgílio, exaltaram a vida rural e o bucolismo, idealizando a simplicidade do campo, a fuga da cidade (*fugere urbem*), os prazeres imediatos, baseados na famosa expressão *carpe diem* (viva o dia), frase retirada da ode do poeta latino Horácio.

Neste sentido, entende-se que o Arcadismo foi marcado por uma linguagem simples e direta, inspirada na natureza e na vida pastoral, evocando um idealizado mundo bucólico, distante dos tumultos da vida urbana. Os poetas árcades adotaram pseudônimos inspirados na mitologia clássica e se reuniam em academias literárias, como a Arcádia, buscando aprimorar sua produção poética e difundir os ideais neoclássicos. Autores como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, no Brasil, e Voltaire, na França, foram representantes importantes desse movimento.

Ainda seguindo a linha temporal da história da Literatura Ocidental, tem-se a estética Romântica e o Naturalismo, que correspondem ao final e início dos séculos XIX e XX respectivamente, estes movimentos foram opostos entre si, assim como os outros

principalmente na maneira como as emoções e a condição do homem era apresentada. O Romantismo valorizava o individualismo, a intensidade emocional e a aproximação com a natureza, sua produção estava entrelaçada de profunda melancolia, misticismos e a idealização do amor. Segundo Yee (2019, p.131):

No Romantismo, a arte passou a valorizar a experiência individual, a rebeldia, as emoções, a ruptura com os critérios de beleza, resultando na diversidade de temas que envolvem paixões, desencantos, um estado de espírito melancólico (conhecido como "mal do século").

Em contrapartida, o Realismo/Naturalismo, focava no retrato da realidade de maneira objetiva e detalhada, acreditando que o ambiente e as circunstâncias exerciam influência sobre as ações humanas, assim a sociedade era apresentada sem idealizações, expondo de maneira crua as pessoas. Esse movimento literário abordava a realidade sem subjetividades, escancarando as mazelas sociais, como a pobreza, as injustiças e a violência. “Por essa época, passa a ser norma julgar uma obra literária a partir de sua relação com os problemas da atualidade política e social. A arte se subordina aos ideais de melhoria da sociedade” (Cademartori, 2000, p. 45).

Ao mesmo tempo em que a ficção realista e naturalista ganhava destaque, houve uma ruptura com a perspectiva romântica que levou ao surgimento de uma nova tendência poética conhecida como Parnasianismo. Os Parnasianos eram extremamente dedicados à forma poética, eles rejeitavam a confessionalidade, aspirando a uma objetividade pura, sem subjetividade. Esse estilo emergiu na França por volta de 1865, caracterizado por um vocabulário refinado, uso de rimas ricas e métrica precisa, concentrando-se em temas como fenômenos naturais e eventos históricos, destacando-se pela ênfase na forma em detrimento do conteúdo, priorizando a técnica (Cademartori, 2000, p. 49).

Posterior ao estilo Parnasiano, nasce o Simbolismo, que surge na Europa como um movimento simbólico nos anos 1880 e 1890. Os poetas simbolistas tentavam expressar algo que não podia ser alcançado de forma direta ou definida por formas concretas, sendo distinguidos por sua visão mística do mundo; seu foco no particular e individual em vez do geral; sua base de conhecimento na intuição e na ilógica; sua apreciação da arte por seu próprio valor; e o uso de associações simbólicas como meio de expressão. Martins (1953, p. 58) resumiu o período da seguinte forma:

Com efeito, o simbolismo começa por ser um simbolismo das coisas, das pessoas e dos sentimentos, como em Baudelaire ou Verlaine, para terminar no simbolismo das palavras, com Mallarmé, e até das letras, com o Rimbaud do "Sonnet des Voyelles" e com o René Ghil do *Traité da Verbe*.

Essa citação resume como o movimento simbolista na literatura ocidental evoluiu ao longo dos anos. Com exemplos de escritores como Baudelaire e Verlaine, começa com representações simbólicas de objetos, pessoas e emoções. Mallarmé usa então uma abordagem mais abstrata, concentrando-se no significado das palavras. Por fim, chega ao extremo de explorar o simbolismo até mesmo em termos de letras individuais, como Rimbaud e René Ghil mostraram. Essa mudança mostra a passagem do concreto para o abstrato na expressão simbolista.

A concepção literária do século XX, como a conhecemos hoje, começou a se desenvolver após a Primeira Guerra Mundial, particularmente na década de 1920. A arte durante esse período passou por uma mudança significativa, mais drástica do que qualquer outra mudança de estilo na história da arte. Antes disso, a crença de que a arte deveria refletir a vida e ser fiel à natureza persistia, apesar de várias mudanças nos padrões estéticos. No entanto, após o Impressionismo e influenciada por suas experiências, a arte passou a interpretá-la em vez de simplesmente reproduzir a realidade. Em outras palavras, o Modernismo surgiu quando as pessoas deixaram de copiar o mundo real e começaram a oferecer uma nova perspectiva e interpretação dele. Como explica Cademartori (2000, p.62):

O Modernismo não é um estilo, no rigor do termo, mas um complexo de estilos de época que apresentam alguns pontos coincidentes. Esses pontos em comum não independem do fato de que, no nosso século, o conhecimento sofreu uma grande ruptura a que concorreu a teoria da relatividade de Einstein; a teoria psicanalítica de Freud; a filosofia de Nietzsche e a teoria econômica de Marx. Comum a todas é o questionamento do lugar do homem como sujeito do conhecimento. O abalo provocado por esse questionamento se reflete, de modo especial, na manifestação artística.

Devido a isso, esse conjunto de ocorrências levou a uma reconsideração da posição tradicional do homem como o centro do conhecimento. A expressão artística foi fortemente influenciada por esse questionamento, que provocou uma ruptura com os métodos de arte tradicionais e a criação de novas abordagens e experimentos artísticos, bem como os movimentos de vanguarda com suas concepções e figurações, que foram antecessores das tendências contemporâneas.

Todo este percurso histórico, social, cultural e científico levou a Literatura a distanciar-se mais dos padrões clássicos nas primeiras décadas deste século. Isso é um reflexo direto das transformações que a sociedade viveu e vive na atualidade, fazendo com que a arte represente uma expressão artística de uma geração que está inserida em um mundo tecnológico, digital e globalizada, com opiniões divergentes e com conceitos em metamorfose constante. O que

acontece hoje, todavia, é uma revolução de ideias e pensamentos com uma gama mais ampla do que as que aconteceram em épocas passadas. E essas mudanças tornaram-se mais intensas a partir do pós-modernismo. Segundo Ferreira (2017, p. 568):

O termo pós-modernidade, por exemplo, é mobilizado, muitas vezes, segundo alguns pensadores, para propor discussões não apenas sobre o fim da modernidade, mas também para situar e apreender, no atual período histórico, categorias como tempo e espaço, identidade, sujeito, família, escola, sexo, estética, ética, cultura.

O pós-modernismo, neste sentido, nasceu como uma resposta ao modernismo, opondo-se a conceitos e ideias da época. Assim, o movimento é assinalado pelo inovador, pela vontade de testar novas formas de conceber as artes de modo geral, inclusive a literatura. De modo que nesse processo os valores estéticos antes vivenciados, são vistos como ultrapassados, e passa-se a apresentação de uma postura fragmentada e relativa sobre toda e qualquer perspectiva.

A literatura ocidental, a partir do pós-modernismo e expansão das tendências contemporâneas mergulhou em uma produção artística que explora a diversidade e a representatividade de raças e também de gênero. Trazendo perspectivas diversas advindas de autores que transitam entre culturas variadas, enriquecendo o cenário literário com vozes de empoderamento fundamentais para ampliar panorama literário mediante o compartilhamento de experiências que são únicas e ao mesmo tempo plurais para cada leitor. E, isso se dá, pelo fato de que “arte contemporânea se distingue por sua natureza ainda mais híbrida e pela ausência de hierarquias, em contraste com a arte moderna. Ela surge como uma contraposição ao modernismo, enfatizando a diversidade e a mistura de estilos” (Mastella; Godoi, 2017, p. 92).

Em suma, a literatura contemporânea explora questões sociais, procurando refletir sobre essas questões ao mesmo tempo em que dar voz a sujeitos dessas demandas, incluindo a representatividade da mulher na sociedade. E caminhar por contextos como esse, destaca a relevância que a Literatura tem como instrumento de expressão e de transformação social, cultural e educacional. Uma vez que ela comporta muito mais do que a ideia de um autor, mas está intrinsecamente arraigada na maneira como um determinado povo vive e externa seus princípios, valores e crenças.

2.1 Arquétipo feminino na literatura

O entendimento sobre o que são os arquétipos é algo que remonta a Antiguidade grega começando por Platão. No entanto, o estudo mais difundido e propagado na contemporaneidade dá-se pelo trabalho desenvolvido pelo renomado psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Onde a

simbologia das imagens e emblemas agrupa-se em padrões tidos como universais e que por sua vez povoam o inconsciente das pessoas como ideias experimentadas por todas as culturas. Pois, o arquétipo “enquanto fenômeno psíquico, materializa-se quando é expresso simbolicamente nas criações artísticas e narrativas. Ele manifesta-se como imagens psíquicas específicas e peculiares cujo conteúdo significativo é apreendido pela consciência” (Anaz, 2020, p. 255).

Os arquétipos são entendidos por Jung como resultado do entendimento cultural das pessoas, onde o indivíduo produz um simbolismo acerca da forma como ver e entende o mundo à sua volta, principalmente quando isso tudo se concretiza por meio de narrativas místicas, como a mitologia, por exemplo. De modo que o homem experiencia o mundo a partir das imagens arquetípicas que nele idealiza. Assim, não há uma maneira delineada sobre a forma como o arquétipo pode ser definido, visto que um único tipo pode ser representado por símbolos distintos e, “portanto, o mesmo arquétipo pode ser representado por diferentes símbolos, como o arquétipo materno, que pode surgir por meio de imagens como a madrastra, a sogra, a avó, uma deusa, a virgem, a Terra, o jardim, a fonte” (Jung, 2000 apud Lacerda; Paula, 2022, p. 11).

A formação do inconsciente decorre de interferências causadas pela tradição cultural que influencia de forma singular em cada pessoa, partindo de suas experiências e de como as representa em seu imaginário. A maneira como o inconsciente coletivo de cada indivíduo representa os diferentes arquétipos está condicionada à sua consciência das coisas e dos fatos. Desta forma a descrição, apresentada por Jung a respeito do Herói e o tutor/guardião: o mito do herói é uma história que se repete em muitas culturas, as histórias seguem sua jornada de descoberta, luta e superação. Em várias dessas histórias, o herói recebe auxílio de um tutor ou guardião no começo de sua jornada. “Os guardiões são uma representação da psique total (o self), e os heróis representam o ego (centro da consciência), que necessita do self para suprir suas faltas” (Lacerda; Paula, 2022, p. 11).

Na literatura, os arquétipos possuem uma relevante função para o processo de formação dos personagens, para o desenrolar do enredo e da temática abordada em cada obra. Eles constroem um véu simbólico que penetra o inconsciente coletivo dos leitores, trazendo a cada um a possibilidade de aprofundar-se de maneira significativa em cada história. Desta forma, o arquétipo feminino dentro do campo literário abarca os padrões de idealização de mulheres de cada época da história e da cultura de uma sociedade e suas perspectivas a respeito do feminino. De acordo com Ribeiro (2008, p.110-111):

As imagens arquetípicas do Feminino, os mitos ascensionais e destrutivos da mulher em qualquer época e lugar são inspirados, em sua maioria, no modelo arcaico da Grande Deusa, primeira entidade divina cultivada pela humanidade que ficou registrada nos labirintos da alma, o inconsciente, e sempre retorna soberana. Com

efeito, apesar do processo de evolução da consciência ter dessacralizado essa divindade e de ter destituído o seu poder, ela ressurgiu nos comportamentos culturais, nas artes e na vida como energia da criatividade, do sentimento espiritualidade, da sensibilidade e da transformação para atuar em favor dos indivíduos. Na literatura, esse arquétipo inspira as idealizações poéticas do feminino para o bem e para o mal e constrói um imaginário capaz de transformar mentalidades e realidades.

Desta forma, compreende-se que o arquétipo feminino na literatura emana, ao longo da história, uma influência persistente do inconsciente individual e da cultura de um povo. Tomando como base o arquétipo da Grande Deusa, a personificação das figuras femininas desmembra-se no papel de rainha, donzela, de sedutora, selvagem, entre outros, representando respectivamente poder, inocência, sensualidade e força, como nos clássicos da literatura infantil, como a jovem Branca de Neve que incorpora a jovem donzela, e em *Os Miseráveis* de Victor Hugo, o arquétipo da mãe devotada é personificado por Fantini, por exemplo. Podemos concluir, assim, que “a sociedade cria modelos de comportamento que se espera que as mulheres tenham a partir de arquétipos presentes em nosso inconsciente coletivo” (Augusti, 2020, p. 41).

Tomando como base os arquétipos femininos apresentados por Emma Mildon no livro *A Evolução da Deusa* e o que pondera sobre este assunto Caroline Myss no livro *"Arquétipos: Quem é Você?"*, a tabela a seguir apresenta uma adaptação de alguns arquétipos com seu significado basilar e exemplos de personagens da literatura que abarcam essas características.

Tabela 1: Arquétipos femininos na literatura

ARQUÉTIPO	REPRESENTA	PERSONAGEM DA LITERATURA
Sábia	Conhecimento, compreensão, sabedoria	<ul style="list-style-type: none"> Atenas – livro <i>Odisseia</i> de Homero Sofia – livro <i>Quincas Borba</i> de Machado de Assis
Guerreira	Coragem, bravura, valentia	<ul style="list-style-type: none"> Joana d'Arc - livro <i>Joana d'Arc</i> de Bernard Shaw Conceição – livro <i>O Quinze</i> de Rachel de Queiroz
Amante	Sensualidade, sedução	<ul style="list-style-type: none"> Salomé – livro <i>Salomé</i> de Oscar Wilde Gabriela do livro <i>Gabriela, Cravo e Canela</i> de Jorge Amado

Rainha	Poder, autoridade, liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Lady Macbeth – do livro <i>Macbeth</i> de William Shakespeare • Isabel – do livro <i>A Lenda de Santa Isabel</i> de Alexandre Herculano
Donzela	Juventude, prazer, inocência	<ul style="list-style-type: none"> • Cosette – livro <i>Os Miseráveis</i> de Victor Hugo • Sinhá Moça – do livro <i>Sinhá Moça</i> de Maria Firmina dos Reis

Fonte: Adaptado de MYSS, 2013 e MILDON, 2021.

Portanto, ao falar de arquétipo feminino e sua relação com a literatura é necessário compreender que há uma complexidade nessa relação, aforada pelo contexto social e histórico de cada período da sociedade, que remonta as crenças da antiguidade, os desejos do consciente humano que se abstraem no inconsciente até a busca pela ressignificação do papel da mulher ao longo do tempo. O que ocasionou na representação de imagens e símbolos que abarcam os aspectos culturais e psicológicos de cada indivíduo.

2.2 Evolução histórica do arquétipo feminino

Um arquétipo é uma condensação de uma ideia ou um pensamento que representa as experiências básicas do ser humano independente do gênero, do período histórico e social em que está situado e que vai sendo entendido e desenvolvido à medida que aprende sobre ele. Nesse contexto, a evolução histórica do arquétipo feminino representa ao longo dos séculos a evolução do papel da mulher na sociedade, que fora se moldando numa jornada complexa condicionada a questões culturais e sociais, mas também econômicas e políticas em distintas épocas. Na antiguidade greco-romana e demais civilizações antigas a figura feminina estava entrelaçada à figura da Deusa Mãe, representando o divino, a fertilidade e também a maternidade. Segundo Oliveira (2005, p. 01-02):

Essa Deusa [...] foi adorada por vários povos antigos: Na Anatólia e na Creta minóica era chamada de Cibele; No Egito era Nut; na África seu nome era Nana Buluka e em Canaã era conhecida como Astherah ou Ishtar. Ainda que fosse evocada por diferentes nomes, em todos os lugares representava o princípio criador e simbolizava a unidade essencial de toda a vida na Terra.

Ao citar Brandão (1991) a autora ainda destaca que “a Grande Mãe ocupa o primeiríssimo posto, dispensando a vida em todas as suas modalidades: fertilidade,

fecundidade, eternidade” (p. 05). Desta forma, a figura da Grande Mãe, da Mãe Terra está relacionada a uma imagem adorada no contexto materno e protetor, necessariamente não representa um papel limitado na sociedade, visto que neste período a atuação da mulher estava condicionada aos cuidados com seu lar.

Na Idade Média a imagem do arquétipo feminino estava atrelada ao que igreja propagava, promovendo duas visões opostas: a da mulher virtuosa, tal qual a Virgem Maria e da mulher pecadora, responsável pela entrada no mal, do pecado, como Eva, tal como Pandora na mitologia. Em ambas as representações, a visão social ainda empregava a ideia de ter a mulher como propriedade para o sexo masculino. “A Igreja medieval procura identificar Eva com as mulheres e Maria com o ideal de perfeição a alcançar. Verifica-se, assim, uma transferência de conceitos de ordem teológica para o social” (Martins, 2013, p. 110).

Com a chegada do período renascentista e também do iluminismo, a compreensão tradicional acerca de poder e as questões de gênero fortaleceram o protagonismo feminino, e a representação de arquétipos que desafiavam os conceitos (estereótipos) difundidos na Idade Média. Vê-se uma participação que desafia os padrões da época, que ainda concebe a mulher como um ser que deve restringir-se aos afazeres domésticos, e que começa a projetar-se para as ciências, as artes, a literatura. Como a intelectual e escritora francesa Madame de Staël que atuou politicamente durante a Revolução Francesa. No entanto, muitas das mulheres que, nesse período, “se aventuravam a ir contra as concepções da época e se fixavam nessa carreira, deveriam ensinar a fiar, bordar, cozinhar, cortar. Ou seja, recaía sobre as mulheres funções essencialmente domésticas” (Pereira; Cabral, 2018, p. 148).

Esse contexto sócio histórico culminou no surgimento de movimentos relacionados a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres e a retirada do foco do papel da mulher como única e exclusivamente doméstica, passando a uma forte inserção no mercado de trabalho. Mesmo que ao longo da história várias correntes filosóficas e religiosas apresentem defesa a dignidade e os direitos da mulher em diversas e distintas ocasiões e ela tenha alcançado direitos antes não pertencentes ao feminino, o arquétipo da mulher selvagem continua sendo reprimido. Uma vez que na vida moderna, as mulheres muitas vezes se encontram sobrecarregadas com múltiplas funções e responsabilidades, tanto na esfera doméstica quanto na profissional. Esse acúmulo de tarefas pode levar à supressão ainda maior dos aspectos selvagens e instintivos das mulheres. “A mulher hoje vive uma situação atípica, entra no mercado de trabalho, desnuda-se do âmbito doméstico, adquire direito em relação a seus corpos e decisões” (Godas, 2019, p. 10).

Na contemporaneidade, ainda há desafios a serem enfrentados, mas o atual cenário permite que a mulher possua maior poder de escolha sobre seu estado civil, sobre estar ou não no mercado de trabalho. Para Whitmont (1991):

O novo modelo do feminino propõe habilidade ativa, iniciadora e também transformadora. Sendo assim, a mulher necessitará de autoafirmação e sintonia com os seus próprios instintos. O papel arquetípico da nova feminilidade é ser a sacerdotisa da plenitude da vida tal qual ela é, com suas armadilhas previsíveis e sua insondável profundidade, com a sua riqueza e sua escassez, seus riscos e erros, alegrias e dores. (Whitmont, 1991 apud Godas, 2019, p. 10)

O padrão feminino hoje implica que as mulheres precisam estar ativas e conscientes quanto às suas necessidades, o seu trabalho, seu papel, sua visão sobre si mesma. Uma vez que o percurso feito pelo arquétipo feminino ao longo da história é linear e dinâmico, intimamente ligado ao aspecto cultural e social. Assim, a necessidade de conhecer essa evolução de forma detalhada, leva ao entendimento de que houve muitos desafios e também conquistas.

3 CLARISSA PINKOLA ESTÉS E O LIVRO “MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS”

Clarissa pinkola estés nasceu em 27 de janeiro de 1945, em uma pequena vila no Estado de indiana, nos Estados Unidos. Sendo filha de descendentes de mexicanos e nativos americanos que a colocaram para adoção aos 4 anos de idade, foi adotada por um casal de imigrantes húngaros, pobres e analfabetos. Desde cedo, Estés teve contato com histórias, lendas e mitos de diversas culturas, transmitidos por seus pais adotivos e parentes imigrantes.

Após concluir o ensino médio, mudou-se para o colorado, onde iniciou sua carreira, formou-se em psicologia e psicoterapia pela colorado Heights University em 1976, e posteriormente obteve seu doutorado em psicologia etnoclínica pela *Union Institute & University*, com foco na história indígena, padrões psicológicos e sociais de grupos tribais. Além disso, realizou pós-doutorado em psicologia analítica na Suíça, o que a qualifica como uma analista junguiana.

Como psicóloga especializada em recuperação pós-traumática, Estés começou sua carreira nos anos 1960 no hospital de veteranos Edward Hines Jr., em Illinois, atendendo pacientes afetados por guerras e desastres. Ela também ministrou aulas de escrita criativa em várias prisões e desenvolveu um protocolo de recuperação pós-trauma usado em locais de desastres naturais. Sua dedicação à saúde mental e ao bem-estar das comunidades afetadas rendeu-lhe reconhecimento internacional. Paralelamente, iniciou sua jornada literária, escrevendo poesias e histórias que coletou ao longo de sua vida, tendo seus livros traduzidos para mais de 35 idiomas. Seu livro mais famoso, “Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”, lançado em 1992, foi um grande destaque para sua carreira e permaneceu cerca de 70 semanas na lista dos mais vendidos do *The New York Times*, tornando-se uma obra relevante na exploração do feminino e da psique humana.

Nesta obra, Estés oferece uma importante contribuição para a cura da psique e a recuperação do arquétipo selvagem das mulheres. Ela explica que a submissão às normas culturais, intelectuais ou ao ego desconecta as mulheres de seu arquétipo selvagem, privando-as de seu potencial, causando à fragmentação da psique e à supressão de seus instintos, com isso elas ficam desorientadas em seus próprios ciclos de vida.

Desse modo, a ausência da mulher selvagem impede que as mulheres se conectem com suas vozes interiores, dificultando a compreensão de si mesmas e gerando insegurança, fazendo-as esquecer sua verdadeira essência e propósito existencial. Esta perda ainda contribui para o surgimento de doenças psíquicas entre as mulheres, que, segundo a experiência clínica

da autora, configuram uma verdadeira epidemia, portanto, para curar essa condição, faz-se necessário explorar e trazer à consciência as sensações corporais, memórias e narrativas pessoais, permitindo assim uma transformação na psique feminina. (Gomide, 2022).

Partindo deste pensamento, Estés por meio das histórias desenvolveu métodos para a cura e resgate da natureza instintiva feminina:

Às vezes pedem-me que diga o que faço no consultório para ajudar as mulheres a voltar para suas naturezas selvagens. Dou uma ênfase substancial à psicologia clínica e de desenvolvimento e uso o ingrediente mais fácil e mais acessível para a cura: as histórias. [...] A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo, nesse caso o da mulher selvagem. (Estés, 2018, p. 28-29)

Conforme citado acima pode-se afirmar que, as histórias possibilitam uma compreensão única da psique feminina, oferecendo uma perspectiva autêntica sobre os desafios e alegrias de ser mulher em um mundo de luta por liberdade e igualdade. Neste contexto, fica claro que, ao ouvir ou ler histórias que refletem suas próprias lutas e desafios, os indivíduos podem encontrar inspiração e esperança para superar obstáculos e buscar a cura interior, uma vez que, oferecem um caminho para a autoconsciência e a transformação pessoal, isto pode levar ao desafio de padrões sociais que constantemente são impostos as mulheres. Dessa forma “a luta por um mundo sem preconceitos e visões padronizadas também abrange o território dos contos de fadas ao ponto que podem ser usados como ferramentas nessa batalha”. (Santos, 2020, p. 27).

Na leitura da obra comprova-se que Estés incorporou as observações clínicas e suas próprias experiências em abordagens terapêuticas, que se tornaram a base para a obra “Mulheres que correm com os lobos”. De acordo com sua pesquisa acerca da biologia de animais em seu habitat natural, a autora afirma que os lobos e mulheres saudáveis tem algumas características psíquicas em comum, bem como: percepção aguçada, resistência, força, intuição, coragem, espírito brincalhão, elevada capacidade para a devoção e outras. (Estés, 2018, p.16)

A autora deixa claro que, sua experiência como analista junguiana e contadora de histórias revelou que a vida e o trabalho como uma “cantadora” a ensinaram sobre a possibilidade de restaurar a vitalidade das mulheres através de profundas escavações “psíquico-arqueológicas” nas ruínas do mundo subterrâneo feminino. Estes métodos, segundo ela, permitem a recuperação dos processos da psique instintiva natural, possibilitando assim a incorporação ao arquétipo da mulher selvagem e o discernimento dos aspectos mais íntimos da natureza feminina. Estés ainda destaca que a mulher é sobrecarregada com múltiplos papéis e pressões, enquanto a antiga sabedoria permanece obscurecida e negligenciada (Estés, 2018,

p.15), com este pensamento a autora usa as características semelhantes que há entre o lobo e a mulher para explorar o arquétipo da “mulher selvagem” em busca da recuperação e resgate da forma psíquica natural da mulher, que foi apagada ao longo do tempo.

Estés acredita que “os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza selvagem” (Estés, 2018, p.18). A importância desse tipo de literatura consiste no fato de ser uma importante ferramenta para despertar a consciência da mulher selvagem e ajudá-la a se reconectar com sua natureza instintiva, que a autora chama de “natureza selvagem”. Isso mostra que, essas narrativas oferecem instruções que guiam as mulheres em direção ao seu próprio conhecimento interior e instintivo, e as direcionam por caminhos que levam além do que já conhecem, incentivando-as a explorar novas dimensões de sua própria identidade e potencial.

Por essa razão, o estudo do arquétipo feminino representado nos contos de fadas, histórias e mitos tem particular relevância quando se trata da mulher descobrir mais sobre si e sobre o mundo ao seu redor. Mesmo porque, debate-se muito sobre o papel da mulher na sociedade, seu comportamento, suas vestes e obrigações são ditados sem levar em consideração sua personalidade e sua liberdade de escolha, apagando assim, a essência da natureza inata da mulher.

Pondé (2000) argumenta que, ao longo da história, as mulheres foram controladas e oprimidas pela sociedade patriarcal, especialmente quando se tratava de questões relacionadas à sua capacidade de procriação. Mas, apesar da opressão sofrida haviam aquelas que ousavam desafiar a ordem e se afastar do controle social, por isso, tornavam-se uma ameaça à ordem estabelecida e para mantê-las submissas, empenhavam-lhes a ideia de que eram frágeis e impotentes, incapazes de decidir seu próprio destino. Além do mais, eram ensinadas a aceitar passivamente sua condição e a esperar por uma intervenção sobrenatural para libertá-las do sofrimento, já que sua cidadania e poder de escolha eram negados.

Neste contexto, as fadas dos contos populares tradicionais representavam essa força sobrenatural negada às mulheres pelo mundo patriarcal. Elas simbolizavam a possibilidade de reverter a situação de desequilíbrio e alcançar a felicidade, oferecendo uma esperança de empoderamento e transformação para aquelas que eram marginalizadas e oprimidas pelo sistema dominante. (Pondé, 2000, p. 76)

Ao olhar para o mundo pós-moderno observa-se que, com os movimentos feministas a mulher tem conquistado cada vez mais espaço na sociedade e combatido a dominação patriarcal. Contudo, grande parte continua vítima da dominação e manipulação psíquica do

mundo moderno, são mulheres cuja a “natureza selvagem” ou instintiva se encontra perdida ou presa por convenções sociais, mulheres sem identidades, impotentes, com medo de ser elas mesmas, sentindo-se incapazes e frágeis.

Em sua obra *Estéís* (2018, p. 25) afirma que a mulher não foi feita “para ser franzinas, de cabelos frágeis, incapazes de saltar, de perseguir, de parir, de criar uma vida. Quando as vidas das mulheres estão em estase, tédio, já está na hora de a mulher selvática aflorar”. Então para fazer aflorar a natureza instintiva das mulheres por meio do processo de descoberta e redescoberta, a psicanalista junguiana traz à tona contos de fadas, mitos e histórias folclóricas de diversas culturas para ilustrar e explorar os padrões universais da feminilidade, conhecidos como “arquetipos do inconsciente coletivo”, teoria desenvolvida por Cal Jung.

Percebe-se que, após vários anos de estudo sobre padrões arquetípicos, mitos, contos de fadas e o folclore, a autora acumulou um vasto conhecimento sobre o que ela chama de “os esqueletos das histórias”, pois, segundo ela as antigas histórias durante o decorrer dos séculos tiveram sua essência original encoberta ou alterada, por conquistas de nações e conversões religiosas. No entanto afirma que, apesar das várias mudanças e adaptações feitas nos contos ao longo do tempo, ainda é possível perceber um padrão subjacente que persiste. Esse padrão serve como uma base sólida para reconstruir as narrativas originais, e que ao examinar os fragmentos e partes remanescentes dos contos, é possível identificar com precisão o que foi perdido ao longo das gerações, revelando estruturas surpreendentes e profundas que ajudam a mitigar a tristeza causada pela perda dos antigos mistérios. (Estéís, 2018, p. 30-31)

A autora também desafia a noção de que esses mistérios não foram completamente destruídos, sugerindo que toda a sabedoria contida nos contos populares ainda está presente, mesmo que de forma sutil, “sussurrando” através das histórias. Isso implica que, toda a riqueza e sabedoria contida nos contos populares ainda estão disponíveis, e podem ser descobertas e compreendidas. Portanto, cabe destacar a importância contínua dos contos populares na cultura e na compreensão humana, mesmo diante das mudanças e desafios enfrentados ao longo do tempo, visto que, conforme explicado, essa compreensão pode ser relevante e significativa para as mulheres e para a sociedade em geral.

Na busca desse entendimento, a literatura fantástica tem conquistado cada vez mais espaço e reconhecimento, não apenas como um gênero de entretenimento, mas como uma forma de explorar e revelar aspectos profundos da condição humana. Coelho (2003, p. 11) destaca que: “vem-se sobressaindo a crescente onda de interesse pela literatura alimentada pela magia, pelo sobrenatural, pelo mistério da vida, das forças ocultas”. Nessa perspectiva, o mundo onírico, fantástico e imaginário não é mais encarado apenas como mera fantasia, mas como

portas de acesso a verdades humanas profundas e escondidas. Assim, os contos de fadas, lendas, mitos e outras formas narrativas não são mais simplesmente considerados como “entretenimento infantil”, mas estão sendo redescobertos como fontes autênticas de compreensão sobre a natureza do ser humano e de seu papel no mundo.

Pode-se afirmar que diante das inúmeras mudanças sociais, a obra de Estés (2018) aponta para um futuro em que a feminilidade é reconhecida e valorizada em toda sua diversidade e complexidade. Suas reflexões sobre a natureza instintiva das mulheres, a importância dos contos de fadas e a busca pelo empoderamento feminino sugerem uma trajetória que favorece a luta pela igualdade de gênero e ao reconhecimento do papel das mulheres na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Em resumo conclui-se que, ao usar suas experiências e estudos para interpretar contos, mitos e lendas sobre uma nova perspectiva, Estés promove uma visão mais ampla e inclusiva da feminilidade, encorajando as mulheres a abraçarem sua individualidade, autenticidade e autoconhecimento. Através das representações arquetípicas, a psicanalista junguiana contribuiu para importantes mudanças sociais e culturais que desafiam as representações estereotipadas das mulheres na sociedade. Além disso, na obra é destacada a importância da narrativa e do simbolismo na compreensão da psique feminina, sugerindo que em narrativas tradicionais contêm sabedoria ancestral que pode ser aplicada de forma prática na vida cotidiana, promovendo a valorização da natureza instintiva e selvagem das mulheres, encorajando-as a se reconectar com sua essência interior e a confiar em seus instintos.

4 METODOLOGIA

A escolha do percurso metodológico para a realização de uma pesquisa representa uma etapa fundamental para o sucesso de um estudo e conseqüentemente para o alcance dos objetivos estabelecidos. Visto que, cada etapa e procedimento devidamente delimitado orienta o pesquisador a responder aos questionamentos levantados na problemática. De acordo com Lakatos e Marconi (2017, p. 34), determinar um processo de pesquisa “proporciona segurança ao pesquisador no decurso de seu estudo, oportunizando compreensão no planejamento do caminho a ser seguido para concretizar os objetivos pré-estabelecidos”. Desta forma, detalha-se, por conseguinte, o tipo de pesquisa a ser utilizada no presente estudo.

4.1 Tipo de pesquisa

Quanto aos objetivos, esta pesquisa classifica-se como descritiva, que segundo Selltiz et al. (1965 apud Oliveira, 2011, p. 21), “busca descrever, analisar um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, as características de uma situação, bem como desvendar a relação entre os eventos”. Uma vez que o propósito deste estudo é analisar a representação dos arquétipos femininos em quatro contos da obra “Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem” de Clarissa Pinkola Estés, no contexto da desconstrução dos estereótipos de gênero e na promoção de uma compreensão mais ampla da identidade feminina na contemporaneidade. Neste sentido, buscase descrever as características e os aspectos que envolvem o arquétipo feminino e analisar o modo como ele é representado na obra literária, bem como a maneira que influencia as percepções sociais sobre o feminino.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica que segundo Gil (2010, p. 29) a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, pois “tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. O foco nesta ação reside na necessidade de revisar de forma detalhada a literatura sobre arquétipos, especificamente sobre o arquétipo feminino e como isso está arraigado na literatura e conseqüentemente facilitar a análise da obra de Estés, contextualizando as informações da autora com outros estudiosos que abordaram a mesma temática. Lakatos e Marconi (2017, p. 200) ainda explicam que a finalidade deste tipo de procedimento “é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre

determinado assunto, visando fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de estudo”.

Já quanto à abordagem, esta pesquisa tem caráter qualitativo, visto que não buscou quantificar os dados coletados na pesquisa bibliográfica, mas focou na interpretação das informações, identificando e categorizando os arquétipos femininos presentes na obra, assim como nas narrativas e simbolismos que Clarissa utiliza para descrevê-los. De acordo com Gonçalves (2001, p. 47) “a pesquisa qualitativa é indicada, principalmente, quando há necessidade de entender um fenômeno em profundidade, de forma detalhada”. Pois, o qualitativo, segundo Gil (2010, p. 45) é traduzido por aquilo que “não é mensurável, como a realidade e o sujeito, e levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades”.

Considerando os objetivos, os procedimentos e a abordagem da pesquisa os critérios para escolha dos quatro contos foram: a diversidade de arquétipos, ou seja, os contos com uma variedade maior de arquétipos permitindo uma análise mais ampla; e a relevância temática, considerando o foco desconstrução de estereótipos de gênero, como a beleza, autonomia e sabedoria. Assim, os contos escolhidos são: Barba Azul, O Patinho Feio, Os sapatinhos vermelhos e A donzela sem mãos.

Cada etapa percorrida no delinear deste estudo representou uma importante ferramenta para que os objetivos fossem alcançados e a pesquisa pudesse ser concretizada da forma mais clara e objetiva possível, abrindo espaço para que esta temática seja cada vez mais explorada e estudada.

5 A REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO NA LITERATURA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE: uma análise da obra “*Mulheres que correm com os lobos*” de Clarissa Pinkola Estés

A obra “*Mulheres que correm com os lobos*” de Clarissa Pinkola Estés apresenta uma contextualização sobre o arquétipo da mulher selvagem a partir da análise de contos e mitos de várias culturas. O livro comporta quinze capítulos que condensam a simbologia da força, da intuição e da natureza feminina que por vezes são reprimidas pela sociedade masculina que não compreende a profundidade da essência feminina. Anterior ao capítulo primeiro e posterior ao decimo quinto, a autora dedica-se a explicar suas razões para escrever o livro, sua trajetória no entendimento sobre o arquétipo da mulher selvagem e a maneira como contos populares e folclóricos globais incorporam a trajetória de desenvolvimento psicológico da mulher, de modo que havendo entendimento as histórias podem ser vistas como remédio, mas não havendo, podem surtir um efeito contrário. Sobre isso, Estés (2018, p. 516) declara:

Ao lidarmos com as histórias, estamos trabalhando com a energia arquetípica, que é muito parecida com a eletricidade. Ela pode animar e iluminar, mas no local errado na hora errada e na quantidade errada, como qualquer medicamento pode produzir efeitos nem um pouco desejados. Às vezes, pessoas que coletam histórias não percebem o que estão pedindo quando querem saber uma história dessa dimensão. Os arquétipos nos modificam. Se não houver modificação, então não houve nenhum contato real com o arquétipo. Transmitir uma história é uma responsabilidade muito grande. Temos de nos certificar de que as pessoas estejam preparadas para as histórias que contam.

Nesse caso, cada conto, cada mito é uma porta que precisa ser aberta, abraçada como uma oportunidade única de crescimento e aprendizado sobre uma mulher que assim como os lobos não rejeitam sua natureza, não desprezam seus extintos e não se deixam aprisionar por seus medos. Pois os arquétipos presentes em cada narrativa são como chaves do inconsciente que levam a superação dos obstáculos psíquicos femininos que possam interferir em seu crescimento. Pois, como explica Martins (2006, p. 13) para Estés, “a Mulher Selvagem emana do inconsciente coletivo e cria todas as facetas importantes da feminilidade, pois é a alma e a origem do feminino tendo diferentes nomes em povos distintos”.

Ainda sobre o aspecto estrutural da obra, a maioria dos capítulos se detém apenas a uma narrativa por vez seguida de sua análise psicanalítica, apenas dois capítulos trazem mais de um conto, que neste caso mantém o objetivo ideológico daquele tópico. Também há a citação de outras narrativas populares como ferramenta comparativa e ilustrativa dos pontos simbólicos analisados no capítulo em questão. Na tabela abaixo há uma sintetização das narrativas presentes na obra.

Tabela 2: Contos e mitos da obra “mulheres que correm com os lobos” de Clarissa Pinkola Estés

Nº	CONTO	TEMÁTICA	LOCALIZAÇÃO	FOCO
01	La Loba - a Mulher-Lobo	Renascimento espiritual	Capítulo 01; p. 39	A natureza instintiva da mulher selvagem.
02	Os quatro rabinos	A busca pelo conhecimento	Capítulo 01; p. 46	A diversidade de resultados diante da jornada de autoconhecimento.
03	O Barba Azul	Predador psíquico	Capítulo 02; p. 53	O enfrentamento dos perigos que podem comprometer o desenvolvimento pessoal.
04	Vasalisa - a sabida	Sabedoria interior	Capítulo 03; p. 92	A intuição como tesouro da psique feminina.
05	Manawee	O conhecimento profundo	Capítulo 04; p. 137	Paciência e determinação na busca pelo conhecimento profundo.
06	A Mulher-esqueleto	A Vida-morte-vida nos relacionamentos	Capítulo 05; p. 155	Regeneração de relações e superação da dor.
07	O patinho feio	Identidade	Capítulo 06; p. 194	Autoaceitação
08	La Mariposa, a Mulher-borboleta	Crescimento pessoal	Capítulo 07; p. 239	Transformação interior.
09	Os sapatinhos vermelhos	Obsessão e falta de controle.	Capítulo 08; p. 248	Os perigos da compulsão.
10	Pele de foca, pele da alma	Reconexão com a essência	Capítulo 09; p. 295	A volta às próprias raízes.
11	La Llorona	A destruição do feminino fecundo	Capítulo 10; p. 344	Transformação e resiliência.
12	A menina dos fósforos	A criatividade e a essência feminina	Capítulo 10; p. 363	A importância de proteger e nutrir essa chama interna.
13	Os três cabelos de ouro	Transformação do herói	Capítulo 10; p. 372	Coragem, sabedoria e perseverança.
14	Baubo: a deusa do ventre	O riso e a renascimento; a sexualidade.	Capítulo 11; p. 381	O poder transformador do riso e a aceitação do corpo e da sexualidade.

15	Tsukina Waguma, o urso da meia-lua	Aceitar a natureza selvagem interior	Capítulo 12; p. 391	Enfrentamento e aceitação dos próprios medos e sombras.
16	As árvores ressecadas	Os ciclos naturais de vida	Capítulo 12; p. 407	Os novos começos e crescimento.
17	A mulher dos cabelos de ouro	Identidade	Capítulo 13; p. 425	Valorização da própria natureza
18	A donzela sem mãos	Transformação pessoal	Capítulo 14; p. 434	O sofrimento como um caminho para a redenção.

Fonte: A autora, 2024.

Em cada conto, o arquétipo da mulher selvagem vivencia uma importante etapa de crescimento pessoal, de transformação, de superação de obstáculos e de valorização da própria essência, da própria natureza. Uma vez que, segundo Estés (1999 apud Martins, 2006, p. 18) “todas as mulheres sentem falta destas características quando são ‘domesticadas’ pela cultura. A compreensão do selvagem é uma prática, um conhecimento da alma”.

As lições apresentadas na obra mostram diferentes aspectos do arquétipo feminino e as dificuldades que a psique enfrenta diante dos desafios que a vida e a sociedade impõem à mulher. Sendo necessário que a natureza e seus instintos não sejam negligenciados, sendo importante está reconectando-se constantemente com o próprio eu. Nesse contexto o livro aponta para a cura psicológica como um resultado do reencontro com o arquétipo da Mulher Selvagem. Segundo Estés (2018, p. 509):

A Mulher Selvagem vem agindo assim com as mulheres humanas há anos. Ora temos um vislumbre dela. Ora ela volta a ficar invisível. No entanto, ela aparece tantas vezes na nossa vida e sob formas tão diferentes que nos sentimos cercadas por suas imagens e seus impulsos. Ela nos chega em sonhos ou em histórias, pois quer ver quem somos e se já estamos prontas para nos reunir a ela. Se ao menos olharmos para as sombras que lançamos, veremos que elas não são sombras humanas, bípedes, mas que têm o lindo formato de algo livre e selvagem. Estamos destinadas a ser residentes permanentes no seu território, não apenas turistas, pois provimos dessa terra. Ela é ao mesmo tempo nossa terra natal e nossa herança.

Voltar-se para a natureza talvez possa ser a melhor sintetização do que Estés discute em sua obra. Seja pelos sonhos ou contos, Estés coloca a mulher selvagem como um aspecto basilar para que o ser feminino possa viver de forma livre. Moraes e Assunção (2017, p. 16) destacam que:

[...] Estés questiona a aceitação automática das expectativas sociais direcionadas às mulheres. Estés propõe que as dificuldades femininas de estabelecer autoconfiança, autonomia e autoconhecimento, relatadas frequentemente nos tempos atuais, são sintomas de um problema maior: a domesticação das mulheres pelas convenções sociais. Traçando o paralelo entre mulheres e lobos, a autora traz o arquétipo da

Mulher Selvagem como uma oposição à mulher domesticada por costumes repressores, que a limitam e diminuem.

Assim, *Mulheres que correm com os Lobos* de Clarissa Pinkola Estés torna-se uma obra atemporal, profunda e sensível ao íntimo feminino que procura aprofundar-se em sua psique sob a sombra do arquétipo da mulher selvagem. Estés faz uso de uma linguagem que beira a poesia para apresentar um enfoque psicanalítico e simbólico de narrativas que descrevem a jornada da mulher que evolui constantemente dentro de si e da sociedade. Desta forma a representação de todos os arquétipos presente na obra e identificado nas narrativas analisadas pela autora são relevantes para o entendimento também da literatura enquanto instrumento de conhecimento e crescimento pessoal. Além do que, segundo Cândido (2006, p. 83) “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

Baseado nessa perspectiva os subtópicos seguintes apresentam a análise da obra percorrendo sobre a perspectiva psicanalítica e mitológica no livro de Estés, seguido da contextualização dos contos selecionados e identificação de arquétipos femininos em cada uma e também a influência dos arquétipos nas representações sociais das mulheres em cada uma das narrativas. Finalizando com o desvelamento das camadas simbólicas presentes nos contos e a desconstrução de estereótipos a partir dos aspectos que envolvem o arquétipo feminino na obra.

5.1 A Perspectiva psicanalítica e mitológica na obra “*Mulheres que correm com os lobos*”

O livro “*Mulheres que correm com os lobos*” de Clarissa Pinkola Estés centra-se em um simbolismo constante que explora invariavelmente o inconsciente da mulher por meio da perspectiva da psicanálise e da mitologia. Nesse processo a autora traça uma detalhada investigação acerca da maneira como a natureza instintiva feminina fora sendo diminuída pela sociedade e levando a mulher moderna a um estado de impotência, de fragilidade, moldando-se lentamente para agradar ao outro. Sobre esse contexto Estés (2018, p. 18) destaca que:

As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se esculpi-la de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobrá-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente. Não. Foi isso o que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças poderosas e naturais, em párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher.

Tomando como base a perspectiva psicanalítica da obra, observa-se que o cerne de seus estudos está intrinsicamente imerso na teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, uma vez que a autora faz uso desses estudos para aprofundar-se na psique feminina, pois “a totalidade humana é constituída de uma união da personalidade consciente e inconsciente” (Jung, 2000, p. 175) o que torna qualquer análise sobre o íntimo humano algo complexo e profundo.

Desta forma, Estés enreda sua obra ilustrando que as performances de feminilidade que a sociedade impõe à mulher representam uma mutilação do feminino, diminuído seu potencial, esmagando a essência do que é ser mulher e prejudicando psiquicamente a sua visão de si mesma, da sua autoestima. E por considerar que a psicologia tradicional não seja capaz de ater-se ao mais profundo da alma, a autora direciona seu trabalho pelo “aspecto arquetípico, o intuitivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador” (Estés, 2018, p. 18).

Assim, quanto ao aspecto psicanalítico de sua obra, o foco está no inconsciente coletivo e arquétipos; no processo de individuação; e nas feridas psicológicas e traumas que permeiam a psique feminina e que de alguma forma influenciam a forma como a mulher se coloca diante da sociedade. Nesse contexto há a necessidade que se volte à sua essência, ao cerne do seu ser, à base de seus princípios. Para Harding (1985, p. 41 apud Martins, 2006, p. 18), o princípio feminino é a “essência, ou lei interior, não uma lei que é imposta por uma autoridade legal, [...] Essas leis ou princípios são inerentes à natureza das coisas e funcionam infalível e inevitavelmente”.

Quanto ao inconsciente coletivo e arquétipos, Estés destaca a profundidade do Arquétipo da Mulher Selvagem, colocando-o como o centro da sua obra e vendo-o como a essência da mulher, o seu instinto, a base primordial da sua natureza. Que por vezes é encarnada através da sua intuição, daquilo que é inato ao feminino, como a sua criatividade, a sua força, que extrapola o aspecto psicológico e reflete também o seu exterior, reconectando-se constantemente com sua mente e seu físico. Então neste sentido, o termo “selvagem” elencado pela autora não está interligado a uma ação descontrolada, mas a algo natural, inato, essencial, saudável, íntegro e forte do ser feminino. Desta forma, quando as mulheres abraçam o arquétipo da Mulher Selvagem estão, segundo Estés (2018, p. 20-21):

Reafirmando seu relacionamento com a natureza selvagem, assim elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando

as mulheres estão com a Mulher Selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior.

Abraçar o Arquétipo da Mulher Selvagem é, portanto, abraçar a postura de uma mulher segura de si, de um autoconhecimento capaz de transparecer em sua autoestima, na forma de porta-se consigo mesma e com os que estão à sua volta. Abraçar a sua própria natureza pode levar muitas vezes a mulher a distanciar-se do que a cultura da sociedade em que está inserida espera dela, da forma como seu papel é visto culturalmente falando, colocando-a a margem, em um contexto de inferioridade. Lerner (2019, p. 66-67) ao citar Sherry Ortner (1974) destaca que: “em toda sociedade, as mulheres são consideradas mais próximas da natureza do que da cultura. Como toda cultura desvaloriza a natureza, uma vez que se esforça para dominá-la, as mulheres tornam-se símbolo de um ser de categoria inferior”.

Assim, quando Estés aponta para a necessidade da mulher se voltar para o selvagem, ela aponta para o que lhe é natural, mas distante do papel que a sociedade possa impor, fora do aspecto de subordinação, e mais próxima do controle de si, do autoconhecimento e da exploração de suas qualidades, que representam características singulares ao ser feminino.

A autora também traz à tona o estudo sobre os sonhos e os contos de fadas como ferramentas que permitem o acesso ao inconsciente. De modo que o simbolismo presente nessas esferas é visto como oportunidade para compreensão da vida e das emoções das mulheres. Como a ideia de que “o casamento nos contos de fadas simboliza a procura de um novo status, o desdobramento de uma nova camada da psique” (Estés, 2018, p. 62). Isso significa que, ao se engajar com o desconhecido e enfrentar os perigos, a psique feminina está, na verdade, acelerando seu próprio processo de desenvolvimento e amadurecimento. O conto de fadas, portanto, serve como um espelho para o processo interno de cada mulher, mostrando a importância de despertar para as realidades da vida e de desenvolver plenamente o potencial interno.

É importante notar que, ao longo dos séculos os contos de fadas foram se moldando, sendo recontados por diversos autores, refinando-se e incorporando nas entrelinhas cada vez mais significados. Expressando mais do que situações e sentimentos, abarcando todos os níveis da personalidade do ser humano, atingindo a mente, a psique de cada indivíduo. Uma vez que “Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento, lidando com problemas humanos universais” (Bettelheim, 2002, p. 06).

Nesse contexto, os sonhos não são frutos do acaso, mas revelam aspectos ocultos da psique feminina, mostrando o que está escondido, servindo inclusive para resolver questões mais profundas presente no inconsciente. Os sonhos atuam como emissários do inconsciente, tirando das profundezas da psique os medos, os traumas, os desejos reprimidos, mas que quando vêm à tona podem clarear conflitos internos, situações mal resolvidas e favorecer a autocompreensão, o autoconhecimento, como os sonhos, onde as mulheres se veem ameaçadas por uma presença masculina, que poder ser um ladrão, estuprador, alguém com potencial agressivo ou qualquer figura. Nesses casos a autora explica que:

Muitas vezes, por exemplo, esse tipo de sonho é um indicador confiável de que a consciência de uma mulher, como no caso de uma mulher muito jovem, está começando a perceber a existência do predador psíquico inato. Em outros casos, o sonho é um arauto: a mulher que sonha acabou de descobrir, ou está a ponto de descobrir e de começar a liberar, uma função cativa e esquecida da sua psique. Ainda sob outras circunstâncias, o sonho trata de uma situação cada vez mais intolerável na cultura que cerca a vida pessoal de quem sonha, situação que ela precisa combater ou da qual precisa fugir. (Estés, 2018, p. 83)

Assim, o sonho com alguém ameaçador pode representar a presença de algo que pode comprometer o crescimento emocional da mulher, principalmente da jovem mulher, também pode corresponder a um processo de descoberta e libertação de questões reprimidas pelo inconsciente, ou até mesmo a insatisfação feminina diante da cultura à sua volta, mostrando a necessidade de lutar ou se afastar daquilo que prejudica seu bem-estar.

No processo de individualização presente no aspecto psicanalítico da obra destaca-se a necessidade de que a mulher busque o autoconhecimento, e que esse autoconhecimento não apenas fomentará seu crescimento como poderá refletir diretamente em um processo de cura interior, seja de questões que ficaram no passado ou de situações que vivencia no presente. Pois, Estés (2018, p. 416) afirma que “para uma cura real, porém, precisamos dizer a nossa verdade, e não só a nossa dor e o nosso lamento, mas também; o mal que foi causado, a raiva e revolta e o desejo de autopunição ou de vingança que foi evocado em nós”.

Assim a cura de feridas psicológicas e de traumas se finda numa ação de cura seguida de renascimento. O olhar para si é visto, antes de qualquer coisa, como a melhor forma de curar a alma da mulher ferida, pela necessidade de aprofunda-se em seus anseios mais profundos e naquilo que trará respostas aos seus questionamentos. Rebonato (2014) ao analisar o conto “A Sra. Holle” argumenta que a aceitação é uma atitude essencial para iniciar o doloroso processo de busca da consciência de si mesmo, e que é essa aceitação que impulsionará a alma a enfrentar e acolher sua própria sombra. Ainda afirma que: “É o conto que, através das imagens carregadas

de simbologia, percorre os caminhos da psique e explora as mais profundas camadas do ser”. (2014, p. 48)

Diante disso, infere-se que o processo de cura interior se inicia pelo autoexame e aceitação, procurando solucionar os problemas mais profundos, sendo honesta consigo, sobre o que lhe faz bem realmente, o que implica no entendimento de que o caminho mais fácil não é necessariamente o melhor ou que lhe trará fortalecimento.

Toda a perspectiva psicanalista da obra caminha junto ao simbolismo da perspectiva mitológica apresentada por Estés. Como a autora ressalta os mitos, sejam eles da cultura grega, romana, nórdica, egípcia ou babilônica, assim como os contos de fadas conduzem ao caminho que a mulher necessita percorrer para o desenvolvimento psíquico feminino amplo e completo, pois, “essas histórias compreendem o drama da alma de uma mulher. É como uma peça de teatro, com instruções sobre o palco, os personagens e os acessórios” (2018, p. 28).

Neste sentido, a autora destaca o conto La Loba, como uma narrativa que caminha em paralelo com outros enredos de culturas diferentes ilustrando a mulher numa perspectiva passada e futura, capaz de arquivar suas próprias intensões, agir com sagacidade e equilíbrio. Aspectos essenciais à existência da natureza selvagem da mulher, que não vê a morte como fim, mas como uma oportunidade para o recomeço, neste sentido, a morte não está em um contexto físico, mas psíquico. Segundo Estés (2018, p. 47):

La Loba faz um paralelo com os mitos universais nos quais os mortos são ressuscitados. Na mitologia egípcia, Ísis cumpre essa tarefa para seu irmão morto, Osíris, que é esquartejado pelo irmão mau, Set, todas as noites. Isis trabalha desde o anoitecer até o amanhecer todas as noites para restaurar o corpo do irmão antes da manhã, se não o sol não nascerá. O Cristo levantou Lázaro, que estava morto há tanto tempo que “cheirava mal”. Deméter chama sua pálida filha Perséfone de volta da Terra dos Mortos uma vez por ano. E La Loba canta sobre os ossos.

Assim, a Mulher Selvagem é La Loba, que traz de volta a vida o que estava morto. Que é capaz de olhar para si e achar o que se encontra sem vida e trazer de volta a existência. Em outras palavras, ela possui a capacidade de enxergar esperança onde a desilusão habita. Uma característica fundamental da índole instintiva e selvagem da mulher, que não pode ser negligenciada em seu processo evolutivo.

Portanto conclui-se que, no contexto da obra, a mitologia, independente da diversidade cultural é reflexo da realidade que as mulheres vivenciaram ao longo da história. Representando as questões por elas enfrentadas, os diferentes aspectos da psique feminina e os rituais de transformação que resultaram em autoconhecimento, em lições de coragem, de resiliência proporcionados pela sabedoria antiga, pelas raízes ancestrais de cada povo. E que de alguma

maneira celebram a força da mulher e necessidade de aprofundar-se nessa psique feminina e em sua natureza selvagem, instintiva e intuitiva.

5.2 Contextualização dos contos selecionados e identificação de arquétipos femininos

O objetivo deste tópico é analisar quatro contos da obra de Estés, contextualizando-os a partir da reflexão que apresentam sobre os papéis da mulher na sociedade e sua natureza e identificar os arquétipos femininos presente no livro. Destacando os contos: Barba Azul, analisando a mulher inocente versus o arquétipo da mulher selvagem; O Patinho Feio, abordando o padrão de beleza imposto à mulher versus autoconhecimento e a autodescoberta; o conto Sapatinhos Vermelhos, focando no perigo de se encaixar nos padrões impostos e busca por aceitação; e A donzela sem mãos, discutindo aspectos como a superação, negação da sua essência, a perda de identidade na sociedade machista, patriarcal, e a necessidade de ter voz e vez na sociedade.

5.2.1 Barba Azul

O Conto "Barba Azul" tem suas origens na cultura europeia. Ele trata a história de um homem misterioso, dono de uma considerável fortuna, que possui uma barba azul e está à procura de um esposa, no entanto, sua aparência e seu comportamento assustam suas possíveis pretendentes. Apenas uma jovem, a mais nova de um grupo de irmãos aceita casar-se com o homem. No conto, ele ausenta-se de sua propriedade e concede à esposa a chave de todos os aposentos, dizendo que ela pode fazer o que quiser, convidar sua família para fazer-lhe companhia na sua ausência, mas que especificamente não abra uma certa porta e ela concorda. Todavia, instigada por suas irmãs a mulher abre o cômodo proibido, e encontra os corpos das esposas anteriores de Barba Azul. Quando Barba Azul retorna, descobre o que sua esposa fez. Furioso, ele a ameaça e tenta matá-la, mas ela escapa com o auxílio de seus irmãos que posteriormente matam o homem (Estés, 2018, p. 54-58).

No conto "Barba Azul", destaca-se os arquétipos da Donzela, do Predador e da sábia. A Donzela, representada pela jovem esposa, encarna a mulher ingênua, a curiosidade e a vulnerabilidade inerentes à condição feminina em uma sociedade patriarcal. Segundo Estés (2018, p.61), a irmã mais nova é menos desenvolvida, isto não se refere especificamente as mulheres jovens, uma vez que, a narrativa psicológica presente no conto também é relevante para a mulher mais velha que ainda não aprendeu a identificar completamente o predador inato,

a autora argumenta que, talvez ela tenha começado esse processo várias vezes, mas, devido à falta de orientação e apoio, ainda não conseguiu concluí-lo.

É neste cenário, onde se criam e sustentam a ideia (estereótipos) de que toda mulher é ingênua e precisa da figura masculina para pensar e agir por ela, com a intenção de protegê-la, dessa forma as mulheres são infantilizadas, limitadas e subjugadas a ser uma boa filha, esposa e dona de casa, perdendo a liberdade e o direito de desenvolver-se na esfera pública. Esse contexto está intimamente ligado à figura do patriarcado. A historiadora Lerner (2019, p. 359) ao comentar sobre a criação do patriarcado argumenta que:

O dominado troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por manutenção. [...] A base do paternalismo é um contrato de troca não escrito: sustento econômico e proteção oferecidos pelo homem pela subordinação em todos os campos, serviço sexual e trabalho doméstico não remunerado oferecido pela mulher.

A predominância do arquétipo da mulher ingênua, as levaram a tomar uma decisão racional, em virtude de estar “sob condições de falta de poder público e dependência econômica” (Lerner, 2019). Isto resultou na subordinação e perda de sua identidade, inclusive o desconhecimento de sua natureza instintiva. Considera-se que, no conto a curiosidade da Donzela é uma expressão de sua busca por verdade e autoconhecimento, desafiando as proibições impostas pelo poder masculino.

Estes trata o Barba Azul como a personificação do predador natural da psique, como aquilo que impede a mulher de mergulhar no seu íntimo, de ultrapassar a escuridão e se libertar, como aquele que pode impedir a jornada feminina de aprofundar sua relação com a natureza selvagem. Ele representa um predador destrutivo da psique de todo ser humano, com o único propósito de sabotar o crescimento pessoal. Assim, como no conto, ele fica a espreita, aguardando que alguém abaixe guarda e lhe conceda oportunidade para agir, aprisionar. De acordo com a autora, do mesmo modo que foi possível enfrentar o Barba Azul no conto, é possível fazê-lo no mundo real. Ela (2018, p. 58-59) destaca que:

Para conter o predador natural da psique, é necessário que as mulheres permaneçam de posse de todos os seus poderes instintivos. Alguns deles são o insight, a intuição, a resistência, a tenacidade no amor, a percepção aguçada, o alcance da sua visão, a audição apurada, os cantos sobre os mortos, a cura intuitiva e o cuidado com seu próprio fogo criativo.

Para impedir a ação do Barba Azul é necessário que a mulher não desista de aprofundar-se em sua natureza selvagem, que viva de forma intensa a sua feminilidade. Que esteja atenta ao que acontece a sua volta, que não deixe de lado sua intuição, que não abandone o amor, que

cuide de si, pois a compreensão das histórias de modo geral aflora o arquétipo da mulher selvagem.

O arquétipo do Predador, simbolizado por Barba Azul, representa o aspecto destrutivo e sombrio do masculino, que tenta controlar e aniquilar a essência feminina. Na análise de Estés (2018) é apresentado dois predadores, o intuitivo (predador natural da psique) e o literal (o parceiro destrutivo). “Muitas mulheres viveram literalmente o conto do Barba azul. Elas se casam enquanto ainda são ingênuas a respeito de predadores, e escolhem um parceiro que é destrutivo para com a sua vida.” (Estés, 2018, p. 65). A este respeito Maia (2007) ao analisar o discurso literário sobre “a família conjugal constituída pelo matrimônio burguês” no período de 1890-1948, relata as queixas de mulheres que se casaram com predadores. De acordo com a pesquisadora:

Ao contrário das “maravilhas do casamento” construídas pelos diversos textos da época, as missivistas revelam maridos ciumentos, grosseiros, controladores, adúlteros e um cotidiano de violência física e simbólica, desvelando a situação de submissão e status de incapazes das mulheres dentro do casamento (Maia, 2007, p. 140).

No período observado pela autora, as mulheres estavam vulneráveis ao arquétipo dos dois predadores apontados por Estés (2018) o primeiro é o predador da psique, o qual em meio aos estereótipos impostos pela sociedade, as faziam pensar que não seriam capazes de conquistar um bom pretendente. “Conquistar um marido tornou-se assim, uma questão de sucesso ou fracasso, um mérito pessoal para as mulheres e não somente uma mera questão e escolha” (Maia, 2007, p. 116). As mulheres que não conseguissem casar até aos trinta anos eram tachadas de solteironas frustradas e isto tornava-se vergonhoso para o gênero feminino, visto que, para despertar o interesse dos homens e conquistar o casamento dependia dos estereótipos ligados “as capacidades intelectuais, domésticas, físicas e principalmente estéticas”. Infere-se que neste contexto o arquétipo do predador da psique as fazia acreditar que eram incapazes, feias e impotentes.

No contexto literal da época muitas mulheres se casaram com um “Barba azul”, convivendo, assim, com o outro predador e correndo o risco de serem mortas por desobedecer ou até mesmo questionar as ordens estabelecidas. No entanto, ocorre um determinado período em que as mulheres “Tendo perdido a ingenuidade se tornou astuciosa”, Estés (2018) chama esse período de iniciação e comenta que “Quando a mulher percebe que foi presa, tanto no mundo interior quanto no exterior, ela mal consegue tolerar a situação” (p.75), e então planeja como destruir a força predatória. É então manifesto o arquétipo da mulher sabia representado

através das irmãs, que deixa a mulher alerta aos perigos e a impulsiona na busca por autoconhecimento.

Observa-se então, a importância de conhecer o predador que simboliza os perigos internos e externos que a mulher deve reconhecer e enfrentar para proteger sua autonomia e identidade, “todas as Mulheres Selvagens precisam aprender que existem predadores, somente assim é possível movimentar-se pela floresta sem ser raptada. Além do mais ter o conhecimento de que o predador existe é tornar-se um ser maduro e sensato.” (Gluszczak, 2019, p. 8)

Outro ponto sobre a donzela é que, a autora ressalta o papel da mulher ingênua nesse arquétipo, colocando-a como presa. Ela é menos desenvolvida, e embora tenha um grande potencial criativo dentro da psique, ela não é forte suficiente, pois se deixa ser atraída pelo predador, visto que, a imaturidade a fez ignorar seu instinto primitivo sobre o Barba Azul, ela sentiu medo e desconfiança a princípio, no entanto, por considerar importantes esses sentimentos ela se deixa envolver e aceita casar-se com o Barba Azul. Deixa se levar pela educação, pela cultura, pelos ditos da ocasião, não tem visão apurada e desconsidera seus insights. Essa postura é comum à mulher ingênua, sem experiência. “Ela é como um filhote de lobo, sem mãe, que rola e brinca na clareira, sem perceber o lince de quase 50 quilos que se aproxima vindo das sombras” (Estés, 2018, p. 62).

O arquétipo da mulher ingênua pode ser encarado por muitos como algo belo, mas representa um estado de perigo, visto que a ingenuidade pode ser encarada como ignorância acerca das adversidades, daquilo que pode por em risco a sua vida. Sendo necessário que a mulher ultrapasse o estado ingênuo, mesmo que isso implique passar por algum tipo de sofrimento. Sobre isso Bettelheim (2002, p. 309) explica que:

Uma existência cômoda numa ingenuidade relativa é uma vida vazia que não se pode aceitar. Apesar de todas as provações que tem de sofrer para renascer com uma humanidade e consciência integrais, as histórias não colocam em dúvida que é isso que a mulher deve fazer.

O Barba Azul, no contexto da ingenuidade, representa a manipulação, o controle aos quais a mulher inocente está sujeita. Ela representa o oposto da mulher selvagem, que por sua vez é todo instinto, é moldada e direcionada por sua força interior. “A Mulher Selvagem chega superando quaisquer cercas, muros ou obstáculos que o predador tenha construído. Ela não é um ícone, a ser exposto na parede como um quadro religioso. Ela é um ser vivo” (Estés, 2018, p. 90).

No conto, Estés evidencia as ferramentas de controle patriarcais e reforça a necessidade de saber impor-se diante de uma submissão cega, que negligencia a intuição feminina,

repreende a curiosidade e encapsula as mulheres em um estereótipo de fragilidade. Uma postura comum dos contos de fada em geram a ideia de uma mulher fraca, incapaz de defender-se, sujeita a vontade do ser masculino. Como explica Mendes (2000, p. 88):

Os contos falam dos prêmios e castigos que a sociedade patriarcal determinou para as mulheres. [...] Mas, acima de tudo, eles mostram os modelos de comportamento que a ideologia familista da burguesia escolheu como ideais para as crianças e as mulheres: a submissão, o conformismo e a fragilidade.

Neste sentido, a Mulher Selvagem é astuta, não aceita qualquer situação de forma cega, sem qualquer imposição, ao contrário, ela ouve o que está a sua volta, observa seu entorno, está atenta a sua voz interior. Ela é curiosa a ponto de questionar os outros e a si mesma e dessa forma encontrar as respostas necessárias para enfrentar qualquer perigo e buscar a verdade. Assim, ao contextualizar “Barba Azul” dessa maneira, percebe-se o quanto é importante cultivar o desenvolvimento da Mulher Selvagem, deixando que os instintos estejam sempre aflorados, guiando as ações dessa mulher e ao mesmo tempo protegendo do que pode comprometer sua integridade em todos os sentidos.

5.2.2 O Patinho Feio

O segundo conto destacado neste estudo é O Patinho Feio. Estés apresenta em sua obra o clássico publicado em 1845 por Hans Christian Andersen, correlacionando o arquétipo do ser incomum ao da Mulher Selvagem. No conto, um cisne nasce em um ninho de patos, e sem que percebam que ele não é da mesma espécie, todos a sua volta o maltratam por sua aparência distinta dos demais, o pseudo “patinho feio” vive uma jornada de fuga, maus-tratos e exclusão até descobrir sua verdadeira natureza e sua verdadeira família. Como explica a autora (Estés, 2018, p. 199):

O patinho da história simboliza a natureza selvagem, que, quando forçada a enfrentar circunstâncias pouco propícias, luta instintivamente para continuar viva apesar de tudo. A natureza selvagem sabe instintivamente aguentar e resistir, às vezes com elegância, às vezes sem muito estilo, mas resistindo assim mesmo. Graças a Deus por esse aspecto. Para a mulher selvagem, a continuidade é uma das suas maiores forças.

O patinho do conto representa a própria natureza selvagem feminina, lutando para sobreviver diante das situações adversas. E nesse processo, resiste instintivamente, com ou sem elegância, persistindo, agarrada a sua capacidade inata de continuar.

Outro ponto de destaque no conto consiste na ideia de que a sociedade impõe um padrão de aparência. Padrão esse que pode excluir aqueles que não se encaixam nele, como o pequeno cisne, considerado feio, por não ser um pato como todos esperavam. Esse padrão pode ser, para

muitos, algo inalcançável, gerando expectativas que podem levar ao desenvolvimento de sentimentos de inadequação, reforçados pela baixa autoestima e um distanciamento com o próprio eu, com a própria identidade. Estés (2018, p. 201) destaca que:

Quando a cultura define detalhadamente no que consiste o sucesso ou a perfeição desejável sob qualquer aspecto — na aparência, na altura, na força, na forma física, no poder aquisitivo, na economia, na masculinidade, na feminilidade, na atitude de bom filho, no bom comportamento, na crença religiosa — existem ditames correspondentes e tendência à avaliação na psique de todos os seus membros.

Qualquer padrão, seja ele de aparência, status ou comportamental, tende a gerar segregação, afastamento, e também uma busca incessante por aceitação. Assim como no conto, muitas mulheres podem se sentir deslocadas e não aceitas pelo grupo em que estão e submergem a um contexto de comparações constantes. Esse grupo pode ser formado por pessoas não tão próximas, por pessoas amigas e por aquelas que compõem o seio familiar que se detém a criticar e apontar o que está fora do padrão social adotado como algo digno de rejeição. Como explica Balzan e Massola (2021, p. 374):

No conto O Patinho Feio, o personagem não encontra na família o amor e acolhimento. Ele precisa compreender o significado do feio, que na verdade é o ser diferente; precisa aceitar-se e superar a rejeição. O apoio que se pode dar a uma pessoa, seja ela um cisne ou um patinho, fará com que ela amadureça e, no futuro, possa ser simplesmente ela mesma, segura de si, autônoma e autoconfiante.

A falta de acolhimento pode levar uma pessoa a apoiar-se somente na rejeição. E o amadurecimento é algo que só ocorre quando obstáculos como esses são superados. Mas, além de tudo isso é importante que a mulher aprenda a aceitar a si mesma antes de qualquer coisa, aprenda a ver seu potencial e valorizar o que ela é.

Os contos de fada em sua grande maioria sempre colocaram a beleza como uma grande virtude. Sendo o estereótipo do belo uma referência do bem e o feio uma extensão do mal. O que notadamente não pode ser tomado como absoluto, visto que as pessoas são diferentes umas das outras e nem todas se encaixam nos padrões impostos. Mendes (2000, p. 130) explica que:

A beleza era o maior "estigma" da feminilidade, se a mulher não fosse bela, não seria feminina. Era o primeiro dom com que se preocupavam as fadas, e era a razão da interferência do herói. O príncipe só salvava a jovem ameaçada ou atingida pelo mal depois de vê-la e encantar-se com sua infinita beleza.

Esse contexto explica claramente a rejeição feita ao patinho feio. Que fisicamente mostrava-se apto para a vida na natureza, voava como os demais, nadava como os demais, mas a sua aparência diferenciada era colocada pelos que estavam a sua volta como algo inaceitável, digno da indiferença apresentada pelo demais. É interessante observar também, que diferente de muitos contos, a transformação pela qual o patinho passa não ocorre por meio de

uma batalha extraordinária ou apela ação de uma fada ou qualquer outro ser mágico. Ela ocorre de maneira natural, à medida que ele se distancia dos que o rejeitam, à medida que vai crescendo, amadurecendo e enxergando a si mesmo. Em outras palavras, ele só precisa aceitar sua natureza, seguir seus instintos, esperar com paciência e olhar para si. Bettelheim (2002, p. 115) destaca que:

Sua possibilidade de sucesso na vida não é crescer para ter uma natureza diferente, mas adquirir qualidades melhores e fazer melhor do que os outros esperam, sendo da mesma natureza de seus pais e irmãos. [...] Em "O Patinho Feio" não é expressa nenhuma necessidade de fazer alguma coisa. As coisas simplesmente são predestinadas e se desenrolam nesta direção.

Assim, a mulher selvagem em seu processo evolutivo também precisa ser. Ela deve compreender que na maioria das vezes o que necessita está dentro dela mesma, ela só precisa distancia-se do que a faz mal, olhar para si e enxergar seu potencial. Nesse contexto a mulher que sofre por conta dos padrões sociais, sejam eles de aparência ou de comportamento, pode muitas vezes deixar de ser sujeito de suas ações para tornar-se objeto das ações dos outros. Sobre isso Zolin (2009, p. 219) explica que:

Categorias utilizadas para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal: a mulher-sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz, As oposições binárias subversão/aceitação, inconformismo/resignação, atividade/passividade, transcendência/imanência, entre outras, referem-se, respectivamente, a essas designações e as complementam.

O caminho percorrido pelo patinho feio que na verdade é um pequeno cisne representa também a jornada do autoconhecimento pela importância de enxergar suas próprias qualidades, de parar e observar o que há de valioso em si, de identificar a que grupo realmente ele pertence. Uma vez que nessa jornada há a tendência de encontrar grupos que desprezam esse ser e grupos que abraçam as características desse ser. O apontamento feito por Estés para a mulher que vivencia o caminho percorrido pelo cisne é que “Aguarde. Confie. Faça sua parte. Você descobrirá seu próprio caminho. No final da história, os cisnes reconhecem o patinho como um dos seus, antes dele mesmo” (2018, p. 219).

Isso significa que a Mulher Selvagem pode em seu desenvolvimento não ser capaz de ver suas potencialidades, mas que se ela estiver no grupo certo, haverá aqueles que as identificarão antes mesmo que ela perceba. E isso não tem haver com a necessidade de validação externa, mas de sentir-se valorizada, impulsionada a olhar para fora e para dentro de si. Pois, “quando aceitamos nossa própria beleza selvagem, ela fica em perspectiva, e nós

deixamos de ser incomodadas pela sua percepção, mas também não renunciaríamos a ela nem negaríamos sua existência” (Estés, 2018, p. 220-221).

Ter consciência de si é um passo importante para a consciência sobre outras mulheres. A aceitação da beleza selvagem é a autoaceitação, a percepção de que não está sozinha em seus anseios, de que há outras que passam pelo mesmo processo. E que nesse contexto, curar-se pode também ser um impulsionador para levar outras mulheres a crescer, a abraçar a sua natureza. Lerner (2019, p. 395) explica que:

As mulheres têm tanto o espaço social quanto a experiência social para embasar seu novo entendimento e consciência feminina se desenvolver. Historicamente, isso ocorre em estágios distintos: (1) a consciência da injustiça; (2) o desenvolvimento da noção de irmandade; (3) a definição autônoma pelas mulheres de suas metas e estratégias para mudar a própria condição; e (4) o desenvolvimento de uma visão alternativa do futuro.

Assim, a consciência de sua natureza feminina não afeta apenas ela mesma, mas também quem estiver a sua volta. O senso de justiça e irmandade leva há uma perspectiva positiva de futuro, pois assim como o patinho feio é impossível fingir que não viu a sua aparência linda e extraordinária e ficar parado, agindo como se nada disso tivesse acontecido.

5.2.3 Os sapatinhos vermelhos

Seguindo uma abordagem semelhante à do conto “O Patinho Feio”, Estés apresenta outro conto que teve sua narrativa recontada por Hans Christian Andersen: Os sapatinhos vermelhos. Nesse enredo uma pequena e pobre órfã confecciona para si rústicos sapatos vermelhos, que são posteriormente destruídos quando ela é adotada por uma velha senhora rica e que lhe dá sapatos pretos. Certo dia ela contraria a senhora e compra sapatos vermelhos para a desaprovação da senhora e de todos que a viram. Ela então é proibida de pegar novamente os sapatos, mas desobedece a restrição. Os sapatos são enfeitiçados e a menina não consegue tirá-los dos pés, eles a comandam e a fazem dançar sem parar. Diante de um estado de exaustão e desespero a menina encontra um carrasco, que a seu pedido, corta seus pés para que ela pudesse parar de dançar. Os sapatos foram embora com os pés cotados e a menina findou como uma criada que trabalhava para sobreviver, mas agora sem os pés (Estés, 2018, p. 248-251).

O conto caminha pela discussão acerca do perigo de se encaixar em padrões impostos, evidenciando a procura por aceitação que podem levar a autodestruição. Uma vez que os sapatos simbolizam desejos efêmeros e superficiais. De modo que a mulher representada pela menina é fraca ao se deixar levar por escolas impulsivas na tentativa de ser vista e aprovada. É,

no entanto, importante salientar que os desejos materiais e supérfluos são comuns ao consciente e inconsciente de incontáveis mulheres independente da classe social ou do grau de instrução.

Como explica Wolf (2018, p. 23):

As mulheres prósperas, instruídas e liberadas do Primeiro Mundo, que têm acesso a liberdades inatingíveis para qualquer outra mulher até agora, não se sentem tão livres quanto querem ser. E já não podem restringir ao subconsciente sua sensação de que essa falta de liberdade tem algo a ver com questões aparentemente fúteis, que na realidade não deveriam fazer diferença. Muitas sentem vergonha de admitir que essas preocupações triviais — relacionadas à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas — têm tanta importância.

A questão nesse caso não é o desejo em si, mas a incapacidade de resistir a ele. A incapacidade de manter-se forte, de não se deixar levar por algo substituível e passageiro. Segundo Estés (2018, p. 252), “A verdade psicológica na história dos sapatinhos vermelhos é a de que a vida expressiva da mulher pode ser sondada, ameaçada, roubada ou seduzida a não ser que ela se mantenha fiel à sua alegria básica e ao seu valor selvagem, ou que os resgate”.

Ser fiel aos seus princípios significa antes de tudo não negligenciar a própria natureza para se encaixar em um padrão que pode mutilar sua essência feminina, que pode comprometer o desenvolvimento positivo da psique. Uma vez que deixar levar-se pelo desejo fútil pode representar um aprisionamento da alma da mulher, incapaz de domar-se e dirigir-se ao construtivo. Wolf (2018) destaca que, pesquisas recentes demonstram consistentemente, que muitas mulheres no mundo ocidental, apesar de serem bem-sucedidas, atraentes e equilibradas, convivem com uma “subvida” secreta que prejudica sua liberdade. Essa vida oculta é marcada por uma obsessão com conceitos de beleza, ódio a si mesmas, medo do envelhecimento e receio de perder o controle.

Nesse processo a perda da identidade pode ser inevitável, caso a mulher não consiga ser mais forte que os seus desejos, caso ela não aja com consciência sobre suas atitudes. De modo que ela se torna mais susceptível e cair em armadilhas. Pois, a mulher que abraça a natureza selvagem do seu ser é capaz de reconhecer e valorizar aquilo que é inato a ela mesma, seu instinto, e dessa forma resistir às pressões para se conformar a padrões destrutivos e encontrando a verdadeira liberdade e autocompreensão. Conforme Estés (2018, p. 252):

A história chama a nossa atenção para armadilhas e venenos com os quais nos envolvemos com excessiva facilidade quando estamos sem a proteção da alma selvagem. Sem uma firme participação da natureza selvagem, a mulher definha e cai numa obsessão pelo que a faça se sentir melhor, pelo que a deixe em paz e por qualquer um que a ame, pelo amor de Deus.

Essas armadilhas e venenos podem ser compreendidos como tudo aquilo de natureza superficial como o desejo incessante por validação externa e ações que refletem a obsessão do

ego. Contrário a isso, a postura da mulher deve ser pautada no discernimento que a livre de comportamentos autodestrutivos, como aquele sentido pela menina, que obcecada pelos sapatos vermelhos deixou-se dominar e acabou perdendo os pés. “Portanto, a mulher que perdeu o controle pela dança, que perdeu seu equilíbrio e seus pés e compreende esse estado de privação no final da história, tem um conhecimento especial e valioso”, (Estés, 2018, p. 253). Perder o controle não é uma característica positiva para a evolução da mulher selvagem, ao contrário pode ser reflexos de suas fraquezas e da dificuldade de amadurecimento diante das adversidades.

Neste contexto o autoconhecimento é a chave para o autocontrole. Saber lidar com frustrações é também está atenta ao que realmente poderá fazer diferença no futuro. É entender que mesmo perdendo, essa mulher pode ganhar, ganhar experiência, aprendizado, etc. Assim, a mulher que passa pela perda e encontra nesse processo aprendizado, é capaz de vencer o perigo de se encaixar nos padrões impostos ou de se perder na busca por aceitação. E nesse e em todos os outros contextos, a evolução e a vivência da natureza selvagem feminina perpassa pela superação e o autoconhecimento.

Autoconhecimento e realização pessoal são faces de uma mesma moeda. E o conto dos Sapatinhos Vermelhos ensina justamente sobre quando isso não é evidenciado pelas ações, pelas decisões impetuosas. Mais do que encaixar-se em padrões alheios é fundamental conhecer e se colocar dentro de um padrão próprio. Bettelheim (2002, p. 294) explica que:

Só nos tornamos um ser humano completo, realizado em todas as potencialidades, quando, além de sermos nós mesmos, somos capazes ao mesmo tempo de sermos nós mesmos com outro e nos sentimos felizes com isso. (...) A mensagem destas estórias é que devemos abandonar nossas atitudes infantis e adquirir outras maduras se desejamos estabelecer o elo íntimo com o outro, o que promete felicidade permanente para ambos.

A mensagem do conto dos Sapatinhos Vermelhos é uma ilustração do que não fazer, do que acontece quando se deixa levar pelas futilidades, destacando que cada escolha tem repercussões que não podem ser ignoradas. Considerar esses aspectos fomenta o amadurecimento da mulher que abraça sua natureza, que ouve seus instintos e que está disposta a não ser refém dos desejos passageiros, demonstrando a separação entre uma postura infantilizada e um posicionamento adulto e livre.

5.2.4 A donzela sem mãos

O último conto destacado neste tópico é A donzela sem mãos cuja versão é encontrada em toda a Europa central e oriental. Essa narrativa bem extensa que conta a difícil vida de uma jovem que é oferecida ao diabo após um pacto feito por seu pai para ficar rico. Nos desdobramentos do conto a jovem é condicionada a aceitar uma vida desprovida de autocuidados e vaidade, perde as mãos, passa fome, enfrenta provações. No entanto, sua postura resiliente a levar a ter um final feliz como rainha, constituindo a própria família e tendo suas mãos de volta (Estés, 2018, p. 436 - 441).

Estés destaca em sua obra que o conto A donzela sem mãos é um enredo que ilustra em detalhes o processo de vida feminino, por meio das principais jornadas que a psique da mulher vivencia. Nesse processo a mulher mergulha na floresta do seu íntimo, em um ato de resistência. Cada etapa dessa ação corresponde para donzela e para a mulher selvagem um aprofundamento em seu íntimo, uma transformação do seu eu, e a cada obstáculo ultrapassado, mais forte e próximo da sua natureza a mulher se torna, e dessa forma mais próxima de uma transformação íntima e psíquica ela fica. Bettelheim (2002, p. 294) explica que “a aquisição deste estado envolve os níveis mais profundos de nossa personalidade. Como qualquer transformação que toca o âmago de nosso ser, há perigos que temos de enfrentar com coragem e problemas presentes que temos de dominar”.

Por isso nesse processo, a donzela mergulha e ultrapassa sete estágios, os quais a autora nomeia de: O primeiro estágio — O pacto sem o conhecimento; O segundo estágio — A mutilação; O terceiro estágio — A perambulação; O quarto estágio — Encontrando o amor no outro mundo; O quinto estágio — O tormento da alma; O sexto estágio — O reino da Mulher Selvagem; e O sétimo estágio — O noivo e a noiva selvagens (Estés, 2018, p. 442-503).

O primeiro estágio, “o pacto sem o conhecimento”, apresenta o pai como aquele que agiu sem pensar, ilustrando a postura da mulher inocente, que não reflete sobre todos os aspectos que envolvem uma tomada de decisões, podendo levá-la a cair diante do predador psíquico que neste conto é representado pelo diabo. Jung (2000, p. 43), explica que “o pensamento é objeto da percepção interior [...]. O pensamento é essencialmente revelação. [...] O pensar precede a consciência do eu primitivo e esta é mais seu objeto do que sujeito”.

No segundo estágio, chamado “A mutilação”, há uma demonstração de como as perdas podem afetar o corpo e a mente do indivíduo, quando este cede às investidas do predador. Esse estágio caminha junto ao terceiro, “A perambulação” que representa a tomada de consciência dessa mulher, a aceitação de que não quer permanecer em seu estado original, mas que se

desprende para mergulhar na sua natureza, na busca por crescimento. De acordo com Rebonato (2014, p. 42):

A aceitação é atitude fundamental para adentrar nesse processo doloroso da busca da consciência de si mesmo, é o aceitar que impelirá a alma a enfrentar a sombra e também aceitá-la, é a mulher selvagem que permite que a alma sugue a força vital que brota do inconsciente.

No quarto estágio, intitulado pela autora de “Encontrando o amor no outro mundo”, aparece a figura do rei representando para a mulher sabedoria na psique, um processo de amadurecimento que precisa ser cultivado e aprofundado. Embora a mulher possa ser culturalmente vista como um ser fraco e deixe-se levar por outras pessoas, ela precisa aprender a romper com o que lhe impede de crescer. Pois como afirma Mendes (2000, p. 128) “os fracos e desprotegidos, devem cumprir seu destino, passando por todas as etapas do desenvolvimento psíquico, até chegar ao amadurecimento e à felicidade”.

O quinto estágio, identificado como “O tormento da alma”, representa um pequeno afastamento da figura do rei para que as habilidades desenvolvidas pela mulher sejam postas à prova e ela possa demonstrar seu crescimento vencendo as novas provações. E dessa forma possa seguir para o sexto estágio, “O reino da Mulher Selvagem”, no qual mulher mergulha ainda mais na floresta, no seu íntimo, e percorre uma importante experiência enriquecedora e de restauração para sua psique. Assim, as circunstâncias podem mudar o íntimo de forma positiva ou negativa, a depender da disposição de passar pelo processo. Sobre isso, Jung (2000, p. 126) afirma que “só nos apropriamos verdadeiramente de tudo o que vem de fora para dentro, como também tudo o que emerge de dentro, se formos capazes de uma amplitude interna correspondente à grandeza do conteúdo que vem de fora ou de dentro”.

O “tudo que vem de fora” diz respeito às vivências, às experiências, ao conhecimento externo advindo de tudo isso. Enquanto o “tudo o que emerge de dentro” refere-se aos sentimentos, as emoções, à capacidade de lidar com as questões internas do ser. Assim quanto maior a capacidade de compreensão dessas trocas entre o interno e o externo do ser, maior a capacidade de crescer, de evoluir, de abraçar a natureza selvagem feminina.

E no sétimo estágio, “O noivo e a noiva selvagens”, nesse estágio a mulher não é mais a mesma, ela cresceu intimamente, conhece suas atitudes de mulher em todas as questões, está segura de si e isso resplandece aos que estão à sua volta. Todo esse processo tem haver com propósito, com a tomada de consciência, com a autoformação. Como explica Jung (2000, p. 104) “toda a natureza procura essa finalidade e a encontra plenificada no ser humano, e isso

apenas no homem mais consciente. Qualquer passo à frente, por pequeno que seja, na trilha da tomada de consciência, cria o mundo”.

Tomando como base esses pressupostos, a narrativa da donzela sem mãos apresenta um enredo que percorre etapas importantes da história da mulher e também do desenvolvimento pessoal feminino, como superação, negação da sua essência, a perda de identidade na sociedade machista, patriarcal, e a necessidade de ter voz e vez nessa sociedade. A superação poderia ser o centro da narrativa da donzela, uma vez que ela enfrenta constante adversidade até encontrar paz e felicidade. E em todo contexto a sua postura é sempre de disponibilidade para mergulhar em sua natureza e enfrentar os problemas. Essa mulher, embora possa parecer frágil a princípio, se mostra forte e determinada a passar pelas adversidades. Em sua análise Von Franz (1995) afirma que, os sofrimentos impulsionam o progresso e ativam processos internos. Mulheres que passaram por experiências semelhantes às descritas no conto têm um entendimento mais profundo dessas situações, podendo não apenas ajudar outras pessoas, mas também demonstrar maior capacidade e criatividade.

A ideia é que os percalços da vida não são para destruir a mulher selvagem, mas para fazê-la crescer, fazê-la mais próxima da sua natureza, dos seus instintos, da sua força interior. “Apesar de a escolha infeliz poder ser considerada uma reação autodestrutiva em termos psicológicos, é muito mais frequente que ela se torne um divisor de águas, um evento que proporciona ampla oportunidade para a restauração da força da natureza instintiva” (Estés, 2018, p. 29).

Isso significa que do ponto psicológico, todas as escolhas produzem aprendizado e de uma forma ou de outra representam uma oportunidade para que transformações aconteçam. Transformações positivas que fomentem o auto amor, autoconhecimento e crescimento. Neste sentido Von Franz (1995, p. 131) destaca que: “Existe na psique um processo natural de crescimento, maturação e transformação. [...] Embora seja um processo natural de desenvolvimento, o Processo de Individuação vem sempre acompanhado de uma série de atos conscientes”.

É importante que esse processo seja visto como uma ação válida e necessária para o crescimento da mulher, sem segurar sua essência. A negação da essência e a perda de identidade podem ocorrer em vários momentos da vida de uma mulher. Na história esse aspecto pode estar relacionado a imposições sociais que negligenciavam a mulher enquanto pessoas, impedindo-a de tomar suas próprias decisões. Pode estar relacionada ao desejo de se encaixar em um padrão e abandonando a sua essência, ou ainda por ceder ao predador psíquico. Perder, entretanto, pode

não ser algo ruim, se nessa ação a mulher voltar-se para sua identidade, para sua natureza. Pois, como explica Estés (2018, p. 454-456):

O objetivo do diabo é o de fazer com que a donzela perca as mãos — ou seja, sua capacidade psíquica de apreender, de segurar, de ajudar a si mesma ou aos outros. [...] Com a perda das mãos, a mulher abre caminho para entrar na selva subterrânea, o campo de iniciação do mundo oculto. [...] Se, nas nossas sociedades modernas, as mãos do ego devem ser decepadas com o objetivo de reconquista da nossa função selvagem, dos nossos sentidos femininos, então é melhor que elas sejam mesmo perdidas para que nos afastemos de todas as seduções de coisas sem sentido que estão ao nosso alcance, de tudo aquilo a que podemos nos agarrar para não crescer. Se é esse o motivo pelo qual as mãos precisam ser perdidas por algum tempo, que seja assim. Renunciemos a elas.

Assim, a ideia é que mesmo passando por um processo de perda, a mulher não pode abandonar sua essência, sua identidade, pois as perdas que realmente são relevantes para a psique feminina são aquelas essenciais para o seu próprio desenvolvimento, só nesse contexto então poderia ser aceito e renunciado a ação de perder as “mãos”, se nessa ação para amadurecer e evoluir.

O pacto feito pelo pai, no qual a donzela vai sendo penalizada pelas consequências das decisões de seu genitor faz referência a forma como a mulher foi negligenciada no contexto de uma sociedade machista e patriarcal, onde as escolhas sobre sua vida e seus corpos eram tomadas sem o seu consentimento, condenando-as a viver em uma estrutura opressiva que reprimia sua verdadeira natureza e potencial de modo que seu direito de ser ouvida era negligenciado. De acordo com Lerner (2019, p. 351), no contexto machista e patriarcal as “Mulheres eram trocadas ou compradas em casamentos para benefício de suas famílias. Depois, elas foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra e seus filhos eram propriedade de seus senhores”.

E por fim a necessidade de ter voz e vez na sociedade abarca toda a jornada percorrida pela donzela que depois de muito lutar para continuar seu legado recebe de volta suas mãos. Agora ela age por si, sem as mãos de prata. Sem auxílio externo, refletindo um processo de renovação e empoderamento da mulher que outrora fora silenciada. Pois, como destaca Estés (2018, p. 508) “Recuperar o instinto ferido, eliminar a ingenuidade e, com o tempo, aprender os aspectos mais profundos da psique e da alma, guardar o que tivemos aprendido, não voltar as costas, defender aquilo que representamos” são o cerne da luta das mulheres em todos os períodos.

Cada uma dessas narrativas serve para ilustrar o quanto o processo de crescimento, de amadurecimento, de autoconhecimento, do desenvolvimento de uma boa autoestima é fundamental para que a mulher evolua por completo, que seja capaz de exercer de forma plena

sua natureza selvagem e ser capaz de fazer-se ouvir aos que estão à sua volta. Faz-se importante ressaltar o quanto a literatura tem sido importante neste processo, pois de acordo com Coelho (2003, p. 118) “Há, na vida, um trabalho a ser realizado, uma luta a ser empreendida por todos nós. E, nesse sentido, a literatura cumpre um papel. Pela imaginação, varinha de condão capaz de revelar o homem a si mesmo, a literatura vai desvendando mundos que enriquecem seu viver”. Assim, ao estimular a imaginação, a literatura serve como uma “varinha de condão” e embora não ofereça soluções mágicas, pode influenciar positivamente a maneira como as pessoas encaram e vivenciam seu processo de autoconhecimento e crescimento pessoal.

5.3 A influência dos arquétipos nas representações sociais das mulheres nos contos selecionados

O arquétipo feminino na literatura tem um grande impacto na forma como as pessoas se veem, tanto antigamente quanto agora. Os livros não só mostram como a sociedade olha para as mulheres, mas também podem mudar essas ideias e até fazer as pessoas pensarem de forma diferente sobre o papel das mulheres na sociedade. “No campo literário a experiência feminina justifica o surgimento de ações no sentido de conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir a opressão da mulher construída ao longo da história” (Rossini, 2016, p. 02).

A presença de personagens femininas na literatura em geral corrobora para a construção de modelos comportamentais que podem denotar uma crítica construtiva em relação ao papel que a mulher exerce em sociedade. Seja pela presença da mulher empoderada, ou de uma donzela indefesa como no caso do conto “Barba Azul”, todas podem gerar reflexões pertinentes e capazes de influenciar uma geração. Pois, no campo literário, “ao colocar o poder feminino em sobressalto na obra, permite-se o espaço para reflexões sobre de que formas as mulheres estão representadas: apesar de grandes conquistas, ainda encontramos comportamentos passivos e submissos” (Morais, 2023, p. 54).

Um exemplo desse comportamento se encontra na mulher ingênua do conto Barba Azul, que não consegue enxergar o perigo que está em sua volta e se submete ao casamento com um “homem sinistro” e autoritário. Ao desobedecer a ordem a personagem rompe com conceito de ingenuidade e submissão que foi atrelado às mulheres ao longo da história, desta forma a representação da passagem do arquétipo da donzela para o da mulher selvagem influencia na libertação das limitações sociais e das normas estabelecidas. “Quando as mulheres conseguem emergir da ingenuidade, elas trazem consigo mesmas e para si mesmas algo de inexplorado”. (Estés 2018, p. 78)

Neste sentido a literatura traz a possibilidade de refletir sobre os estereótipos que são impostos sobre o gênero feminino e como uma mudança de postura não conivente com eles pode significar uma transformação na forma como as mulheres se veem diante de preconceitos e discriminação, e de alguma maneira refletir sobre seu estado íntimo, sua visão de si, dos outros e como isso a impacta, seja de forma positiva ou negativa. Um exemplo dessa representação está na garota do conto “Os sapatinhos vermelhos” como explica Estés (2018, p. 275):

A menina calça os sapatos vermelhos às escondidas, vai até a igreja, não presta nenhuma atenção ao alvoroço ao seu redor, é desprezada pela comunidade. Os habitantes da aldeia a denunciam. Ela é repreendida. [...] A natureza das culturas e dos complexos negativos consiste em se abater sobre qualquer discrepância entre o consenso sobre o que é o comportamento aceitável e o impulso divergente do indivíduo.

Nessa passagem, a menina é punida e desprezada pela comunidade por calçar os sapatos vermelhos, uma ação que foge das normas sociais estabelecidas, nisto se destaca a natureza dos complexos negativos, que se manifestam quando há uma discrepância entre o comportamento aceitável pela sociedade e os impulsos individuais do indivíduo. Isso evidencia como os arquétipos presentes no conto, bem como o da rebeldia ou da busca por autenticidade, podem entrar em conflito com as expectativas sociais tradicionais, visto que, ao ignorar o alvoroço ao seu redor e seguir seu próprio desejo, a protagonista desafia diretamente as normas culturais que limitam a liberdade e a autonomia das mulheres. Sua atitude de desafio é vista com desprezo pela comunidade, que busca reprimi-la e subjugar-la à conformidade, neste contexto percebe-se a influência dos arquétipos nos padrões de comportamento pré-estabelecidos.

De acordo com Monteiro (2005, p.57) pode-se afirmar que: “Dependemos, muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por estes símbolos e, tanto as nossas atitudes, quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas”. Estes “símbolos” ou imagens arquetípicas são manifestos nas narrativas influenciando atitudes e comportamentos de maneira profunda e muitas vezes inconscientes.

Outro exemplo de atuação das imagens arquetípicas encontra-se no conto “Patinho feio” de Hans Christian Andersen que embora à primeira vista pareça uma simples história sobre transformação e autoaceitação, há uma forte influência arquetípica nas representações sociais das mulheres por meio dos arquétipos do Órfão e da Grande mãe. No conto, a mãe pata por exemplo, pode ser vista como uma manifestação do arquétipo da Grande Mãe uma figura que por ser portadora da vida está ligada ao sagrado que nutre e protege, no entanto, a sociedade frequentemente espera que as mulheres se conformem a esse papel, limitando sua identidade a cuidadoras e figuras maternas, dessa forma:

[...] as mulheres perderam completamente sua elevada posição adquirida na era primitiva e, por isso, mesmo nos tempos modernos, de acordo com Evelyn Reed (2018), a maioria delas desconhece a causa dos seus problemas, estes, instaurados pela dominação masculina, conquanto, foram os homens que subscreveram as regras restringindo a liberdade feminina, de forma a destituí-las de capacidades intelectuais, destinando-as ao papel de dona de casa e cuidadora dos filhos. (Cervantes; Souza; Eyng, 2023, p.31)

O objetivo de enfraquecer o papel da mulher é subjugar-la em um ambiente dominado pelo homem, onde ela é forçada a renunciar a seus próprios anseios e objetivos para atender às demandas das instituições patriarcais, com a família ocupando um papel central nesse processo.

Diante de toda sujeição imposta as mulheres pode-se pensar que, a rejeição que o patinho enfrenta por ser diferente pode ser paralela à pressão social que as mulheres experimentam quando não se enquadram em expectativas estereotipadas de feminilidade, isto gera uma busca pela aceitação e pertencimento, a qual é bem representada no personagem do conto. Portanto é válido pensar que a influência desses arquétipos nas representações sociais das mulheres é significativa, visto que podem perpetuar normas de gênero restritivas, mas também oferecem oportunidades para reimaginar e expandir o entendimento da sociedade sobre o que significa ser mulher. Ao reconhecer e questionar esses padrões arquetípicos, pode-se promover uma visão mais inclusiva e diversificada dos papéis de gênero na sociedade.

Desta forma ao apresentar os arquétipos nas representações sociais, a literatura se mostra como uma ferramenta importante para que haja transformações em relação ao papel das mulheres na construção social e cultural. Pois, além de refletir sobre os desafios que a mulher enfrenta, a literatura exerce o papel de função social que pode inspirar a atitude de muitas leitoras. Rebonato (2014, p.29) destaca que “o conto de fadas, repleto de símbolos mitológicos, estimula a percepção de aspectos fundamentais da vida e da humanidade em seus leitores” destacando assim sua importância e relevância na literatura e no processo de autoconhecimento. Os símbolos presentes nos contos representam os arquétipos do inconsciente coletivo, proporcionando aos leitores uma compreensão mais profunda de si mesmo e do ambiente social que os cerca.

No conto A Donzela Sem Mãos, a figura da Donzela representa a inocência, a pureza e, acima de tudo, a vulnerabilidade. Desde o início, a donzela é uma figura passiva; ela é uma vítima das circunstâncias. Nesse sentido, ela reflete a parte da mulher que está subjugada às forças da existência, mas também contém uma força interior adormecida que espera ser despertada e reivindicada. Sobre esse contexto Bettelheim, (2002, p. 250) destaca que cada etapa representa, para a mulher, “passos necessários no caminho da maturidade final. Assim,

estas histórias enumeram experiências que só pertencem às mulheres. Estas devem passar por todas antes de alcançar o auge da feminilidade”.

Este conto apresenta de que maneira as mulheres frequentemente experienciam circunstâncias de grande vulnerabilidade e trauma, enquanto ao mesmo tempo têm resiliência e capacidade de renascimento. A jornada da Donzela é bastante ilustrativa da situação de diversas mulheres que foram feridas pela vida e ainda assim encontram a força para se regenerar e se transformar. Segundo Mendes (2000, p. 40) a mulher não deve agarrar-se a inocência pois, “uma existência cômoda numa ingenuidade relativa é uma vida vazia que não se pode aceitar. Apesar de todas as provações que tem de sofrer para renascer com uma humanidade e consciência integrais, a história não põe em dúvida que é isso que a mulher deve fazer”. Estés, portanto, emprega os arquétipos presentes nos contos para incentivar as mulheres na busca pela reconexão com sua natureza instintiva e selvagem, mesmo que para isso tenha de enfrentar dificuldades.

Nesse contexto, a literatura desempenha um papel crucial na formação das representações sociais, com o arquétipo feminino sendo uma força que impulsiona o processo. Assim as personagens literárias não são apenas reflexos passivos da sociedade, mas agentes ativos na redefinição de papéis e expectativas podendo inspirar mudanças nas atitudes sociais em relação às mulheres na vida real. A respeito disso, Candido (2006) afirma que a obra literária não é um produto fixo e de significado único para todos os públicos, assim como o público não é passivo nem homogêneo em sua recepção. Ambos influenciam um ao outro, com o autor sendo o ponto de partida desse processo de interação literária que se desenvolve ao longo do tempo.

5.4 A representação do arquétipo feminino na obra e a desconstrução de estereótipos

O entendimento sobre a materialização arquetípica passa pela ideia de que o inconsciente personifica sua percepção da realidade, dos conflitos internos, da psique por meio de uma simbologia. Essa simbologia impregna os sonhos e as narrativas que buscam contextualizar o papel dos seres na sociedade envolvendo um misticismo profundo em mitos, e contos. Jung (2000, p. 145) explica que “com estes símbolos encobre-se uma realidade psíquica que, do ponto de vista da consciência, significa provavelmente apenas algo a ser assimilado, mas cuja natureza própria passa despercebida”.

Isso significa que num primeiro momento cada símbolo pode ser visto de forma irrelevante, no entanto há sempre uma considerável carga de significado impregnada neles, e

que podem trazer resposta aos conflitos de natureza interna. No livro *“Mulheres que Correm com os Lobos”* de Clarissa Pinkola Estés, esses símbolos estão identificados em cada conto analisado na obra. Eles são posteriormente as ferramentas que a autora utiliza para apresentar os arquétipos e os aspectos da jornada percorrida pela mulher selvagem em seu processo de amadurecimento e a superação de estereótipos. Como explica Estés (2018, p. 548) “é por isso que observamos os símbolos para começar, para ver o que podemos aprender, como pode ser aplicado e, especialmente, que tipo de feridas ele poderia aliviar”.

De acordo com a psicologia junguiana, os arquétipos presentes no inconsciente coletivo se manifestam por meio de sonhos, mitos e contos de fadas. Consequentemente, a pessoa não tem consciência direta desses arquétipos, mas os reconhecem quando eles se expressam nos mitos e contos, refletindo aspectos próprios do indivíduo através da literatura e da arte. Serbena (1999, p. 31-32) afirma que, a ideia de arquétipo surgiu da análise de temas comuns em mitologias, contos de fadas e na literatura mundial. Esses temas, que aparecem repetidamente ao longo do tempo e em diferentes culturas, mostram padrões profundos e universais da experiência humana. Dessa forma os contos de fadas são vistos como reflexos dos processos internos da psique humana e de seus arquétipos.

Diante disso infere-se que, a representação dos arquétipos femininos na literatura constitui um retrato da maneira como uma determinada comunidade percebe cultural e socialmente a mulher. Uma vez que, na obra os arquétipos são símbolos de constatações universais acerca do feminino e que são disseminadas em narrativas literárias que são apresentadas em todas as fases de cada indivíduo e, por conseguinte, moldam a autoimagem das mulheres e a percepção dos outros a respeito dela. Os arquétipos também podem representar uma influência positiva favorecendo o acolhimento de novos modelos de comportamento e também enfraquecer estereótipos tradicionais que de alguma forma representam uma imagem vulnerável e incapaz. De acordo com Mendes (2000, p. 35):

Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época e qualquer lugar. Sendo resultado de uma experiência que foi repetida durante muitas e muitas gerações, os arquétipos estão carregados de uma forte emoção, que Jung chama de "energia". Essa energia lhes dá o poder de interferir no comportamento do indivíduo e da coletividade.

As narrativas, sejam elas escritas ou não, abarcam essa energia pelas vivências dos personagens que dela fazem parte e evocam a quem ouve ou lê as mais diversas sensações. Pois, a literatura proporciona uma variedade de modelos de identidade feminina, que podem inspirar mulheres na busca por conhecer e aceitar distintas características de si mesmas. De modo que

a representação dos arquétipos femininos na literatura influencia socialmente e intimamente a formação da autoimagem, de uma identidade, pois as personagens podem refletir situações vividas por aquelas que leem os contos e acabam inspiradas a percorrer a própria jornada de crescimento, autoconhecimento e empoderamento. E isso começa na infância, quando a criança passa a ter contato com as primeiras histórias, os primeiros contos de fada, os primeiros mitos. Como explica Bettelheim (2002, p. 23):

Através da maior parte da história da humanidade, a vida intelectual de uma criança, fora das experiências imediatas dentro da família, dependeu das estórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Esta literatura tradicional alimentava a imaginação e estimulava as fantasias. Simultaneamente, como estas estórias respondiam às questões mais importantes da criança, eram um agente importante de sua socialização. Os mitos e as lendas religiosas mais intimamente relacionadas ofereciam um material a partir do qual as crianças formavam os conceitos de origem e propósito do mundo, e dos ideais sociais que a criança podia buscar como padrão.

Dessa forma, a literatura estimula a imaginação e também é fonte relevante de formação da psique, visto que internaliza e contextualiza vários ideais de comportamento que podem influenciar as percepções do indivíduo sobre si e sobre o mundo a sua volta promovendo reflexões sobre propósitos de vida, sonhos e desejos íntimos.

A obra *Mulheres que correm com os Lobos*, Clarissa Pinkola Estés apresenta algumas quebras de estereótipos acerca do comportamento feminino, que geralmente enaltece a fragilidade da mulher, colocando-a em um papel de submissão e negação da sua natureza, forçando-a a moldar-se aos padrões sociais. Isso começa com a ideia de que a mulher não pode ser curiosa ou que sua curiosidade é uma impertinência, algo frívolo, de que sua busca pelo saber é questionável, como no conto do Barba Azul, onde imperou-se a interpretação primordial de que a mulher que vai em busca da verdade é passível de punição. Tartar (2013, p. 204) explica que:

A história de Barba Azul foi vista tradicionalmente como girando em torno da curiosidade da esposa, que nunca consegue “resistir” à tentação de espiar o quarto que lhe foi proibido. Também Perrault apresenta a mulher de Barba Azul como uma figura que sofre de um excesso de curiosidade, uma mulher que comete o erro quase fatal de desobedecer a seu marido. (...) Em vez de celebrar a coragem e a sabedoria da mulher de Barba Azul ao descobrir a horrível verdade sobre as ações assassinas do marido, Perrault e muitos outros que contam a história subestimam seu ato de insubordinação.

Nesse caso, a história tradicional condena a mulher por seu comportamento por considera-la desobediente, insubordinada ao marido, mesmo que a narrativa coloque o esposo como um ser terrível, que ameaça a vida, a integridade física e emocional dessa mulher. Chegar a ser incomodo o fato de que a insubordinação seja mais relevante do que a circunstância em que essa mulher foi colocada.

Na obra, Estés analisa o conto em uma posição contrária a essa perspectiva, ela enaltece a mulher pela coragem de abrir a porta, pela curiosidade que levou ao conhecimento da verdade, pela possibilidade de ver os fatos e sair de uma posição de vulnerabilidade para defender-se do que a ameaça. Levando à reflexão de que a mulher que abraça a sua natureza não se contenta com a realidade a sua volta até saber toda a verdade. Estés (2018, p. 66) diz:

Proibir uma mulher de usar a chave que leva à consciência é o mesmo que lhe arrancar a Mulher Selvagem, seu instinto natural de curiosidade e sua descoberta do que “se esconde por baixo”. Sem o conhecimento selvagem, a mulher está desprovida de proteção adequada. Se ela tentar obedecer à ordem do Barba-azul no sentido de não usar a chave, estará escolhendo a morte para seu espírito. Ao optar por abrir a porta de acesso ao horripilante quarto secreto, ela escolhe a vida.

Assim, a quebra de estereótipo acontece pela exaltação do empoderamento feminino através do conhecimento. Uma vez que enfrentar a verdade é algo libertador para a mulher, visto que ela é forte suficiente para lidar com as consequências dessa verdade, por mais difíceis que possa parecer.

Outro ponto da desconstrução de estereótipo reside na apresentação do conto do Patinho feio. Nele a aparência acaba sendo o foco de toda a narrativa e há uma criticidade enorme por parte daqueles que estão próximos ao patinho em relação a sua aparência externa e por não se encaixar nos padrões do grupo é excluído e ridicularizado. No entanto, o verdadeiro problema não está no patinho, que na verdade é um cisne e não um pato, o problema está no que Estés em sua análise destaca como “não corresponder aos padrões estabelecidos”. Isso o leva a uma jornada solitária em busca de acolhimento e autoaceitação, uma vez que a negatividade sobre sua aparência o leva a absorver as críticas sobre si. Moreira (2024, p. 35) ressalta que:

Na psicanálise, essa jornada pode ser interpretada como um processo de individuação, onde o patinho se afasta das expectativas externas e se aproxima de sua verdadeira natureza. As dificuldades e rejeições que ele enfrenta ao longo do caminho são partes essenciais desse processo, ajudando-o a desenvolver resiliência e autoconhecimento.

Nesse processo não há a necessidade de se forçar a encaixar em determinado padrão exigido pela sociedade, mas a adoção de uma postura resiliente pelo autoconhecimento, pela capacidade de enxergar a própria natureza e abraça-la. No conto, apresentado por Estés, o pato não se transforma em cisne, ele sempre foi um cisne, mas estava inserido em um grupo que não enxergava seu potencial e ainda criticava sua natureza, ridicularizando sua forma física, havendo aqui a necessidade de cuidado com seu interior. Estés (2018, p. 201) completa “cuidemos aqui das questões íntimas da pessoa rejeitada, pois quando desenvolvemos uma

força adequada [...] para sermos nós mesmas e para descobrir a que grupo pertencemos, podemos então influenciar a comunidade exterior e a consciência cultural com perícia”.

No conto dos Sapatinhos Vermelhos, o perigo da superficialidade e da aparência segue um caminho contrário ao do conto do Patinho Feio, e mergulha nas consequências advindas de quando a mulher não se deixa levar pela validação externa e age sem autocontrole. Os sapatinhos vermelhos representam a ilusão. Ilusão de achar que o ter é mais importante que o ser, que a superficialidade vai ser capaz de preencher as necessidades do seu íntimo. Nesse caso o resultado está no fracasso, que por sua vez leva a perdas físicas e emocionais. Desse modo Jordan (2021, p. 55) explica que:

O fracasso costuma ser o momento decisivo, o pivô da circunstância que nos ergue até os níveis mais altos. Pode não ser um sucesso financeiro, pode não ser fama; podem ser novos goles de inspiração espiritual, moral ou mental que nos mudarão por todos os últimos anos das nossas vidas. A vida não é realmente o que vem até nós, mas o que nós obtemos dela.

O fracasso como momento decisivo reside nas consequências das escolhas que são feitas considerando apenas o externo, a fútil, o pensamento egoísta, a impulsividade. A jornada de autodescoberta será sempre o resultado mais positivo e a melhor maneira de enfrentar os estereótipos que a sociedade pode impor às mulheres. Pois, como destaca Estés (2018, p. 253) “o conto os sapatinhos vermelhos nos mostram como tem início uma deterioração e o estado a que chegamos se não tomamos qualquer iniciativa em defesa da nossa própria natureza selvagem”.

Outra questão levantada como estereótipo de gênero reside no posicionamento da mulher como um ser frágil. Uma fragilidade que a cerca em seu estado físico e psíquico, levando-a um estado de vulnerabilidade, que necessita da salvação masculina para encontra-se realizada e vencer seus desafios. Ao comentar sobre a crítica feminista Zolin (2009) argumenta que, para o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir, o estereótipo de fragilidade atribuído às mulheres estão ligados à biologia de seu corpo, o qual Beauvoir caracteriza como “situação da mulher: o fato de a mulher dar à luz é tomado como a matriz das diferenças entre os sexos”, o que a limita e impossibilita de “afirmar-se em relação à natureza, como fizeram os homens”. (p. 224)

Em oposição a esse estereótipo está o conto da Donzela sem mãos. Que embora possa parecer frágil e desrespeitada por seu pai que por conta de uma má escolha feita por ele, a colocou em contexto de adversidade, a donzela, é na verdade o retrato de uma mulher forte, que perdeu as mãos, mas não se colocou na posição de dependente, saiu a caminhar sozinha para construir a própria história, e embora tendo se casado com um rei posteriormente, foi sozinha

que ela enfrentou os perigos da floresta para salvar a si mesma e a seu filho. Foi por sua resiliência, sua força de vontade e sua coragem por seguir em frente que ela recebe as mãos de volta. Como esclarece Estés (2018, p. 508):

"A donzela sem mãos" é uma história da vida real a respeito de nós, mulheres de verdade. Ela não trata de uma parte das nossas vidas, mas da nossa existência inteira. Na sua essência, ela ensina que para as mulheres o trabalho consiste em vaguear, entrando e saindo da floresta repetidas vezes. Nossas psiques e nossas almas são especificamente adequadas a isso, de tal modo que conseguimos percorrer o subterrâneo psíquico, parando aqui e ali, prestando atenção à velha Mãe Selvagem, sendo alimentadas pelos frutos do espírito e conseguindo nos reunir a tudo e todos a quem amamos.

Assim, toda a jornada percorrida pela donzela, pela irmã mais nova, pela menina dos sapatinhos vermelhos e pelo patinho feio representa a estrada em direção ao crescimento, a quebra de estereótipos, a luta por respeito, por direitos e reconhecimentos que as mulheres enfrentaram e enfrentam na sociedade. Nota-se então a influência da literatura tanto na representação de arquétipos quanto de estereótipos, visto que, de acordo com a análise de estereótipos na construção de personagens, enquanto os arquétipos revelam características psicológicas, morais e comportamentais diversas e contraditórias, os estereótipos reduzem essas complexidades a um único aspecto, seja ele positivo ou negativo (Anaz 2020, p. 264). Assim, os estereótipos representam uma simplificação dos arquétipos, limitando a profundidade e a complexidade dos personagens.

Zolin (2009) ao comentar sobre a teoria de “política sexual” de Kate Millet destaca que essa política afeta a literatura moldando as narrativas de acordo com as convenções que privilegia o gênero masculino. Dessa forma a autora alega que críticos feministas mostram que:

[...] é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. Sendo que à representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia. (Zolin, 2009, p. 226)

Nesse contexto, é possível afirmar que Estés (2018) desafia essa perspectiva literária ao revelar o arquétipo da Mulher Selvagem. A autora argumenta que as características frequentemente vistas como negativas, como ser “desafiadora, incorrigível, saliente, esperta, insubmissa, indisciplinada e rebelde” (p. 228), na verdade, são sinais de que a mulher está no caminho certo. Dessa forma, Estés reinterpreta esses estereótipos, desconstruindo sua conotação negativa e atribuindo-lhes um valor positivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a presente pesquisa teve como finalidade analisar a representação dos arquétipos femininos em quatro contos da obra *Mulheres que correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés e a influência que exerce na sociedade. Neste sentido, focou-se na desconstrução dos estereótipos de gênero e esforços para ter uma visão abrangente da identidade feminina na sociedade moderna. O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa que possibilitou observar a existência de uma rica diversidade de arquétipos femininos que se destacam pela complexidade e relevância na compreensão da natureza da mulher.

Através da análise dos contos "Barba Azul", "O Patinho Feio", "Os Sapatinhos Vermelhos" e "A Donzela sem Mãos", foram revelados arquétipos significativos, como a Mulher Selvagem, a Donzela, o Predador Psíquico, a Sábia, a Mãe e a Sombra, que desempenham papéis cruciais no desenvolvimento das personagens e na mensagem transmitida pelas histórias. Foi possível constatar que, a representação do arquétipo feminino presente nos contos e mitos da obra desafiam normas sociais e ideias preconcebidas sobre o que significa ser mulher em uma cultura patriarcal, promovendo o autoconhecimento da natureza selvagem, bem como a construção da identidade feminina. Isso ocorre pelo fato de que a autora ao analisar os contos em seu livro apresenta a mulher como um agente ativo na história, que abraça a sua natureza, não se intimida diante das adversidades e aprofunda-se no autoconhecimento. Essa mulher não é vista de forma passiva em seu contexto social, mas em uma posição dominadora e corajosa, que não se prende a um padrão ou a uma norma imposta sem antes questionar, abrir as portas do desconhecido em busca de conhecimento e procura estar com aqueles que são verdadeiramente capazes de enxergar o seu valor. A partir destas considerações o objetivo geral desse estudo foi alcançado.

Quanto aos específicos observou-se que, esses arquétipos estão associados à simbologia da superação de desafios, ao enfrentamento dos medos, à valorização da própria natureza e ao autocontrole. No que diz respeito aos estereótipos de gênero, a análise mostrou como os arquétipos presentes nos contos desconstruem e subvertem concepções tradicionais, em vez de reforçar imagens negativas e limitantes da mulher, uma vez que, revelam nuances de força, coragem e autoafirmação que desmistifica a natureza frágil pela postura forte e selvagem, enaltece a curiosidade feminina, o instinto e busca pelo conhecimento, condena a necessidade de encaixar-se em um padrão e valoriza a relevância da busca por grupos que sejam capazes de aceitar as diferenças. O que conseqüentemente leva a uma compreensão de como as narrativas

literárias podem influenciar a percepção social e cultural das mulheres, oferecendo alternativas às normas estabelecidas e promovendo uma representação mais inclusiva e autêntica do feminino.

Além disso, a investigação da relação entre os arquétipos e a construção da identidade feminina, revelou que as narrativas analisadas desempenham um papel significativo na formação da autoimagem e podem influenciar a forma como as mulheres se veem e são vistas na sociedade. Os contos analisados não apenas destacam a importância da autoaceitação e da resistência contra a opressão cultural, mas também sugerem que o reconhecimento e a valorização de aspectos anteriormente marginalizados da psique feminina são essenciais para a formação de uma identidade mais autêntica.

Desta forma, observa-se que este trabalho contribui com as pesquisas centradas na relação entre gênero e literatura, bem como para os estudos dedicados à obra de Clarissa Pinkola Estés. Além disso, pode promover uma análise psicanalítica de contos e mitos, aprofundando a compreensão sobre o papel dos arquétipos nas narrativas ao longo do tempo, incluindo passadas, presentes e futuras. Todavia, o fato de que nessa pesquisa só fora explorado quatro contos da obra da autora, abre-se espaço para que novos estudos sejam desenvolvidos e ampliados sobre a temática.

Portanto, este estudo exalta a relevância da pesquisa sobre os arquétipos femininos tanto para a literatura quanto para a sociedade. Favorecendo a desconstrução de estereótipos que limitam o papel da mulher, e promovendo a inclusão, diversidade e respeito à identidade feminina, contribuindo positivamente para o desenvolvimento da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Rossana Paiva. Personagens femininas da literatura e seu impacto nas gerações. **Revista Conhecimento**. Volume 9, Outubro de 2019. Disponível em: <https://www.redeicm.org.br/revista/wpcontent/uploads/sites/36/2019/10/Personagens-femininas-da-literatura_ok.pdf>. Acesso em: 07 abril 2024
- ANAZ, Sílvia Antonio Luiz. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/159964>>. Acesso em: 07 abril 2024.
- AUGUSTI, Rodineil. A identificação e perpetuação dos arquétipos femininos na revista capricho. **Administração de marketing: comportamento e tendências dos consumidores**, v. 1, n. 1, p. 33-42, 2020. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/201001736.pdf>>. Acesso em: 07 abril 2024.
- BALZAN, Carina Fior Postinger; MASSOLA, Ivone. 'O Patinho Feio', de Andersen: uma contribuição à infância sob as perspectivas da psicologia analítica e da psicanálise. **Jangada: crítica | literatura | artes**, v. 9, n. 2, p. 361-375, 2021. Disponível em: <<https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/356>>. Acesso em: 07 jul. 2024.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CADEMARTORI, Lúgia. **Períodos Literários**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 2000.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. 201 p.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v. (Edições do Senado Federal; v. [107-A](#))
- CERVANTES, M. S.; SOUZA, S. R.; EYNG, E. I. K. *O Arquétipo da Grande Mãe e a Ressignificação da Identidade Feminina na Literatura*. Atena Editora, 2023. DOI: 10.22533/at.ed.5572321034 Acesso em: 28 de maio de 2024.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL 2003.
- CRISPIM, Thais Noia; ALVES, Elis Regina Fernandes. **A reação ao patriarcado: uma análise da personagem protagonista do romance orgulho e preconceito de Jane Austen**. IEAA/UFAM: 2019. Disponível em: <<https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/8de73247-a715-4167-a067-edb85d146fc8/TCC-Letras-2019-Arquivo.017.pdf>>. Acesso em: 07 abril 2024.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FERREIRA, Anderson. A pós-modernidade e a leitura de obras literárias. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43477>>. Acesso em: 07 abril 2024.

Frank, Thomas. **Autocontrole**: A Ciência por Trás da Força de Vontade e como o Poder do Autocontrole vai revolucionar sua vida. Cortez: São Paulo, 2023.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLUSZCZAK, Aline Aparecida. DIÁLOGOS ENTRE AS NARRATIVAS MITOLÓGICAS E O GÊNERO FEMININO. **SEPE-Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS**, v. 8, 2018.

GODAS, Joyce da Silva. Mulheres de corpo e alma: o arquétipo da mulher selvagem na atualidade. **Revista Científica Integrada**. Volume 4, edição - 3/3533 dez-2019. Disponível em: <<https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-3/3533-rci-mulheres-de-corpo-e-alma-o-arquetipo-da-mulher-selvagem-na-atualidade-dez-2019/file>>. Acesso em: 07 abril 2024.

GOMIDE, Juliana Campos. **O movimento do sagrado feminino**: sintoma das historicidades políticas no Brasil contemporâneo. 2022. 93 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

GONÇALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LACERDA, Alice Ramalho; PAULA, Dirceleia Santos de. **Arquétipos da teoria de Jung e a sua aplicação na prática clínica**. UNA: Contagem, 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAIA, Cláudia de Jesus. A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948). 2007. 319 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARTINS, A. M. de O. O corpo feminino na Idade Média: um lugar de tentações. In, Braz, J. & Neves, M. (Orgs). **O corpo-Memória e Identidade**. ISBN: 978-989-8512-68-0 (pp. 103-116). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/311923537_O_CORPO_FEMININO_NA_IDADE_MEDIA_UM_LUGAR_DE_TENTACOES>. Acesso em: 07 mai. 2024.

MARTINS, Camila Alves. **Faces do feminino sagrado**: o arquétipo da mulher selvagem. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2006.

MARTINS, Wilson. Introdução ao estudo do Simbolismo. **Revista Letras**, v. 1, 1953. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/20080/13260>>. Acesso em: 07 abril 2024.

MASTELLA, Adriano Silveira; GODOI, Christiane Kleinubing. O pós-modernismo na literatura e nos Estudos Organizacionais: manifestações e características. **Revista Economia & Gestão**, v. 17, n. 46, p. 80-102, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2017v17n46p80>>. Acesso em: 07 abril 2024.

MENDES, Mariza B.T. Em busca dos contos perdidos. O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

MILDON, Emma. **A Evolução da Deusa**: O guia da mulher moderna para ativar os poderes do sagrado feminino. Editora Pensamento, 2021.

MONTEIRO, Regina Clare. O Símbolo na Literatura: Um Estudo sobre o Conteúdo Arquetípico de Textos Literários. **Revista de Educação**, v. 8, n. 8, 2005. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/228622300>>. Acesso em: 27 mar. 2024b.

MORAES, Júlia Ribeiro Melo de; ASSUNÇÃO, Laura Farage. **O arquétipo da mulher selvagem**: uma representação visual. UNB: Distrito Federal, 2017.

MORAIS, Sara Resende de. Entre o silêncio e o insurgir: um olhar feminista sobre “Alice e outras mulheres” In: **Representações do Feminino na Literatura, Artes e Mídias** / Organizadoras Cindy Conceição Oliveira Costa, Rhusily Reges da Silva Lira, Allana Cristina Sales Meneses – Tutóia, MA: Diálogos, 2023.

MYSS, Caroline. **Arquétipos**: quem é você. Tradução Karina Gercke. São Paulo: Magnitude, 2013.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Ártemis**, v. 3, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2200>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte; CABRAL, Camila Silva. Entre a luz e a escuridão: considerações sobre o Iluminismo e a instrução das mulheres. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 200, p. 140-152, 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180428042305id_/http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/39512/21534>. Acesso em: 09 mai. 2024.

PONDÉ, G. RELEITURAS DO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL. **VIDYA**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 19, n. 33, p. 9, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/536>. Acesso em: 18 jun. 2024.

REBONATO, Andréa Rodrigues. **Saciando a inópia da alma: uma análise junguiana de contos de fadas.** UTFP: Paraná, 2014.

RIBEIRO, Maria Goretti. O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária. **Revista Gráficos.** João Pessoa, v. 1, 2008 – ISSN 1516-1536. Disponível em: <https://www.academia.edu/4915634/O_ARQU%C3%89TIPO_DA_DEUSA_NA_VIDA_NA_CULTURA_E_NA_ARTE_LITER%C3%81RIA>. Acesso em: 07 abril 2024.

ROSSINI, Tayza Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. **Trem de Letras, [S. l.]**, v. 3, n. 1, p. 97–111, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SANTOS, Jennifer Oliveira dos. **O impacto dos contos infantis na formação social, emocional e psicológica das crianças na educação infantil.** 2020. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SERBENA, CARLOS AUGUSTO. **Temas arquetípicos nas histórias em quadrinhos do Batman.** 1999. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Florianópolis.

TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada: Branca de Neve, Cinderela, João e Maria, Rapunzel, O Gato de Botas, O Patinho Feio, A Pequena Sereia.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2003.

Von Frans, M.L. **O feminino nos contos de fadas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. **Clarissa Pinkola Estés.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Clarissa_Pinkola_Est%C3%A9s&oldid=67702776>.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.

YEE, Raquel da Silva. **Literatura ocidental I.** 1. ed. Indaial: UNIASSELVI, 2019. 182p.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I.** 2. ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012. 208 p.
ZOLIN, L. O. . Crítica Feminista. In: ZOLIN, L. O.; BONNICI, T. (Org.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ed. Maringá: Eduem, 2009, v. 1, p. 217-242.